

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Lenon Martins de Paula

**PONTE JORNALISMO: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA
GUERRA URBANA**

Santa Maria, RS, Brasil

Lenon Martins de Paula

**PONTE JORNALISMO: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA
GUERRA URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Roes Dalmolin

Santa Maria, RS.
2016

Lenon Martins de Paula

**PONTE JORNALISMO: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA
GUERRA URBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo**.

Aprovado em 16 de dezembro de 2016:

Prof.^a Dr.^a Aline Roes Dalmolin (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Marilice Amáble Pedrolo Daronco (POSCOM/UFSM)

Dairan Mathias Paul (POSJOR/UFSC)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA

À todas as vítimas da violência policial, do abuso de poder, da truculência, todas as vítimas do silenciamento por vezes imposto por agentes de segurança. À todas as pessoas que foram mortas pelos órgãos coercitivos. À todos aqueles que de qualquer forma já foram atingidos pelas injustiças das instituições coercitivas, e à todas as pessoas que prezam e lutam por uma sociedade sem qualquer forma de violência, muito menos guerra.

AGRADECIMENTOS

O exercício da gratidão é uma terapia de bondade, e ver este trabalho concretizado só me faz ser imensamente grato à todas as pessoas que fizeram parte da minha graduação, especialmente aquelas que me apoiaram durante este longo ano de conclusão de curso. Fica os meus singelos agradecimentos

- à toda minha família, em especial minha mãe Cristina, minha irmã Lissa e meu irmão Lázaro, pelo imprescindível amor e apoio que recebi durante a minha graduação.

- aos professores e servidores da FACOS – UFSM, em especial à professora Aline Dalmolin, orientadora deste trabalho. Obrigado por toda compreensão, confiança, e pelas importantes considerações e discussões acerca do meu universo de pesquisa, essenciais para a conclusão deste estudo e que me inspiram a seguir pesquisando no futuro.

- aos amigos e amigas do coletivo EntreAutores, pelo significado que a música tem na minha vida hoje, em especial à Cristielle Roatt, Larissa Machado e Ricardo Borges, que integram junto comigo a banda Capadócia Estelar;

- ao GP Comunicação, Identidades em Fronteiras, em especial às professoras Isabel Guimarães e Ada Cristina, por me inserirem no universo científico da Comunicação Social como bolsista de ensino médio em 2012, experiência determinante para que eu escolhesse o Jornalismo como curso de graduação, e pelos importantes aprendizados durante os quase quatro anos de iniciação científica.

Por fim, agradeço ao tempo, que tem me proporcionado surpresas e grandes felicidades nos desafios que permeiam essa longa jornada; e à todas as pessoas que fazem parte da minha vida.

*No ar que se respira, nos gestos mais banais
Em regras, mandamentos, julgamentos, tribunais
Na vitória do mais forte, na derrota dos iguais
A violência travestida faz seu trottoir*

(A Violência Travestida Faz Seu Trottoir - Engenheiros do Hawaii)

RESUMO

PONTE JORNALISMO: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA GUERRA URBANA

AUTOR: Lenon Martins de Paula
ORIENTADORA: Aline Roes Dalmolin

As atuações da imprensa e dos meios de comunicação, através da cobertura jornalística da criminalidade e violência, são de extrema importância para o agendamento de políticas de segurança pública do governo, e para a forma de ver e viver o mundo do homem, principalmente o homem urbano. O trabalho propõe-se a analisar a cobertura jornalística sobre a violência policial realizada pelo portal Ponte Jornalismo, observando em especial quais fontes são acionadas pelas matérias e como essas são abordadas. O *corpus* é composto por 87 matérias do primeiro ano de atuação do portal, que são analisadas a partir das metodologias de análise de conteúdo e de análise do discurso. O Ponte Jornalismo utiliza preferencialmente fontes não institucionais como especialistas, familiares de vítimas, testemunhas - fontes estas que são minoria na cobertura jornalística da grande mídia sobre a violência. Assim, podemos tensionar e problematizar sobre uma forma alternativa de tratar o fenômeno da violência urbana na cobertura jornalística, enquanto geradora de discussões e promotora de um agendamento de políticas públicas para a segurança.

Palavras-chave: Jornalismo; cobertura jornalística; violência, segurança pública, fonte jornalísticas

ABSTRACT

PONTE JORNALISMO: JOURNALISTIC TRENCHES OF AN URBAN WARFARE

AUTHOR: Lenon Martins de Paula
ADVISOR: Aline Roes Dalmolin

Activities from press and media through the news covering of crime and violence are of utmost importance for the scheduling of the government's public security policies, and for the way of seeing and living the world of man, especially the urban man. This study analyzes the journalistic coverage of police violence carried out by the Ponte Jornalismo news portal, noting in particular which sources are triggered by the news and how they are addressed in the discourse. Our corpus is composed by 87 stories from the first year of the portal's performance, which are analyzed from the methodologies of content analysis and discourse analysis. Ponte Jornalismo uses preferably non-institutional sources such as experts, family members of victims, witnesses - sources that are minority in the coverage of the mainstream media about violence. Thereby, we can stress and problematize on an alternative way to treat the phenomenon of urban violence in journalistic coverage, as a generator of discussions and promoter of a schedule of public policies for security.

Keywords: Journalism; news covering, violence, public security, news sources

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Nuvem de tags – Recorrência de termos nos títulos das notícias	43
Gráfico 2: Nuvem de tags – Recorrência de termos no corpo do texto das notícias.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Print do portal Ponte Jornalismo – Homepage	29
Figura 2: Print do portal Ponte Jornalismo – Aba lateral e editorias	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: As notícias do nosso corpus (data em MM/DD/AAAA).....	34
Tabela 2: A identificação das fontes com adaptações	38
Tabela 3: Predominância de termos nos títulos das notícias que compõem o nosso corpus....	42
Tabela 4: Lista de termos recorrentes no corpo do texto das notícias.....	44
Tabela 5: As fontes consultadas	47
Tabela 6: A natureza das notícias	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONG	Organização Não Governamental
PM	Polícia Militar
RI	Relato Isolado
ROTA	Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar
RP	Relato Primário
RS	Relato Secundário
SP	São Paulo
SSP	Secretaria de Segurança Pública
UPP	Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A PREGNÂNCIA DA CRIMINALIDADE, SEGURANÇA PÚBLICA E VIOLÊNCIA NO JORNALISMO	16
2.1 SOCIOLOGIA DA VIOLÊNCIA E CONFLITUALIDADE	17
2.2 MÍDIA, VIOLÊNCIA E PREGNÂNCIA SOCIAL DO DISCURSO JORNALÍSTICO ..	18
3. JORNALISMO ESPECIALIZADO, INDEPENDENTE, E O PONTE JORNALISMO	24
3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO E INTERTEXTUALIDADE	24
3.2 MÍDIA ALTERNATIVA E JORNALISMO INDEPENDENTE	27
3.3 O PORTAL PONTE JORNALISMO	28
4. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DE ANÁLISE.....	32
4.1 CONSTRUÇÃO DE UM BANCO DE DADOS: METODOLOGIA E CRITÉRIOS	32
4.2 FONTES CONSULTADAS.....	37
4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO E OS TERMOS RECORRENTES	38
4.4 ANÁLISE DE DISCURSO, O ACONTECIMENTO MUDIÁTICO DA VIOLÊNCIA POLICIAL E A SUA RESOLUÇÃO SEMÂNTICA	39
5. PONTE JORNALISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA GUERRA URBANA	42
5.1 PREDOMINÂNCIA DE TERMOS: A PM E A MORTE	42
5.2 AS FONTES QUE PAUTAM O JORNALISMO DE VIOLÊNCIA	47
5.3 FORMAS DE RELATAR O ACONTECIMENTO DE VIOLÊNCIA POLICIAL	47
5.4 TIPOLOGIAS DO NOTICIÁRIO SOBRE A VIOLÊNCIA POLICIAL.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: À GUIA DE UM JORNALISMO DE VIOLÊNCIA	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	62

1. INTRODUÇÃO

Na rua Chaptal, Paris, França, 1897, foi inaugurado um teatro chamado “Le Théâtre du Grand-Guignol”, que apresentava peças grotescas com cenas teatrais de horror e violência explícitas, como decapitação, desmembramento, esquartejamento, evisceração e outras práticas de imolação corporal¹.

A partir do paradigma do movimento naturalista do teatro², a intenção do seu fundador, Oscar Méténier, era proporcionar ao público espetáculos no qual eles pudessem se identificar, a partir de roteiros e histórias verossímeis e inspirados na realidade. Cada sessão era composta por cinco ou seis peças curtas e nem todas eram de horror. O que nos importa aqui é que as peças de horror foram as que mais chamaram atenção do público e tornaram o referido teatro famoso mundo afora, influenciando, inclusive, a produção cinematográfica da época.

Aqueles que sentavam nas primeiras filas recebiam respingos de sangue cenográfico (na maioria das vezes, embora sangue de animais também fosse usado) e sentiam a angústia de testemunhar quase que em primeira mão as mais grotescas torturas acontecendo a poucos metros de distância. (TENTACULAR, 2013, s.p.)

A repercussão das primeiras peças ganhou as ruas e as filas para entrada no teatro se estendiam cada vez mais. Os espectadores sabiam da estética violenta e grotesca que circundava a natureza das peças do teatro, e tinham em experienciar as sensações de assistir às peças. “Não é exagero afirmar que desmaios e pessoas passando mal, literalmente urinando nas calças ou vomitando, era algo corriqueiro durante a apresentação” (TENTACULAR, 2013).

O Grand Guignol enquanto teatro de horror cativava e impressionava o público a partir das dramaturgias e narrativas baseadas na violência, mas, além disso, ilustra o impacto das experiências humanas de assistir tais performances e as suas nuances características do paradigma naturalista do teatro (ilusão de realidade, verossimilhança, discurso do cotidiano, buscando ao máximo estar relacionado ao contexto social da população da época). Isso nos permite compreendermos a pregnância social da violência, do horror, do grotesco experienciado, em uma perspectiva histórica que vai além da comunicação midiática.

¹ Vide: TENTACULAR, M. **Teatro de Sangue** - Os assustadores espetáculos do Grand Guignol de Paris. Disponível em <<http://mundotentacular.blogspot.com.br/2013/06/teatro-de-sangue-os-assustadores.html>>. Publicado em: 8 jun. 2013 Acesso em: 28 jun. 2016.

² O paradigma naturalista era, na época, uma forma narrativa alicerçada à verossimilhança, buscando a ilusão perfeita de realidade (BERTHOLD, 2010).

Atualmente a violência pode ser experienciada e assimilada facilmente nos conteúdos jornalísticos produzidos pela mídia tradicional, e destacam-se os conteúdos por vezes espetacularizados emitidos por determinados veículos midiáticos, principalmente em emissoras de conteúdo digital e televisivo. Assim como o Gran Guignol, a violência em conteúdos jornalísticos ou de entretenimento veiculados na mídia tende a provocar sensações e complementar perspectivas de visão de mundo.

Nesse sentido, a presente pesquisa estuda o discurso sobre a violência no portal Ponte Jornalismo, um portal independente criado em 2014, e que dá ênfase na temática da violência nas periferias urbanas, principalmente no Rio de Janeiro (SP) e São Paulo (SP). Neste portal tomo como objetivo identificar elementos discursivos que caracterizam a pauta da violência em uma ambiência atrelada à perspectiva condenatória do abuso de poder exercido pelas instituições coercitivas. Utilizando a metodologia de Análise de Discurso associada à análise de conteúdo, proponho a verificar como é dada a cobertura jornalística sobre a violência policial nos textos do portal Ponte. Assim considero a importância em investigar tal temática, por abranger uma das pautas mais recorrentes e que, quando abordadas na mídia, mais influem no imaginário e na visão de mundo de uma sociedade: a violência.

Tendo como questão-problema “quais as especificidades da cobertura jornalística sobre a violência policial num portal independente e como a mesma retrata as instituições coercitivas?”, nossos objetivos específicos são: a) construir um banco de dados com as matérias que tratam sobre violência policial no Portal Ponte durante o seu primeiro ano de atuação, b) verificar a recorrência de termos nas manchetes das matérias sobre violência policial no Portal, c) a observar a presença das fontes institucionais e não institucionais nas matérias do Portal; d) analisar os acontecimentos midiáticos envolvendo violência policial; e) discorrer sobre a necessidade de atrelar a discussão sobre violência e Jornalismo, articulando definições teóricas que nos propiciem refletir acerca de um Jornalismo de Violência.

A importância deste estudo é dada pelo atual cenário da segurança pública no Brasil. Conforme o Mapa da Violência de 2016³, os homicídios por arma de fogo cresceram 592,8% no período de 1980 à 2014 no Brasil. Em São Paulo foram registradas 3.524 homicídios no ano de 2014. A média de homicídios cometidos pelos policiais militares no estado de São Paulo era de 5 mortos a cada 2 dias no ano de 2014. Entre julho de 1995 e abril de 2014 a PM-SP matou mais de 10 mil pessoas. É nesse cenário de guerra urbana que nos inserimos, propondo a utilização do termo Jornalismo de Violência para discutir as especificidades de

³ Disponível em < http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2016_armas.php> Acesso em 16 nov. 2016.

relatar os acontecimentos de violência policial. Além disso, minha motivação pessoal em estudar violência e segurança pública surgiu a partir dos incentivos do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras⁴, no qual fui bolsista de iniciação científica por quase quatro anos. No Grupo, várias das reuniões e dos textos discutidos envolviam a temática de violência, criminalidade, segurança pública, jovens, periferia, o que contribui para o meu interesse no tema.

⁴ Disponível em <<https://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

2. A PREGNÂNCIA DA CRIMINALIDADE, SEGURANÇA PÚBLICA E VIOLÊNCIA NO JORNALISMO

Suscitação da sensação de medo, interferência no modo de ver e viver o mundo, artifício estratégico para práticas que influenciam e ao mesmo tempo constroem a realidade: essas são características inerentes à violência e que podem estar presentes no Jornalismo. A temática da violência é uma pauta recorrente na cobertura jornalística de periferias urbanas, que juntamente do imaginário de caos, criminalidade e ausência de estado, compõe a cobertura jornalística estigmatizante de periferias internacionais e metropolitanas (SILVEIRA, 2012).

Partimos do pressuposto de que a cobertura jornalística concebe e dá forma à um universo de acontecimento midiático (CHARAUDEAU, 2015) a partir da estruturação do imaginário, concebido neste estudo como

dimensão expressiva, cognitiva e normativa da vida social, para o desenvolvimento das relações sociais e para o intercâmbio material dos sistemas sociais com a natureza (DOMINGUES, 1999, s.p.)

A cobertura jornalística sobre violência, criminalidade e segurança pública tem se modificado ao longo do tempo no jornalismo brasileiro, principalmente a partir de 1980, quando o fenômeno da violência urbana tornou-se mais múltiplo e complexo (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 15). Além disso, os papéis da imprensa e dos meios de comunicação, através da cobertura jornalística da criminalidade e violência, são de extrema importância para o agendamento de políticas de segurança pública do governo (RAMOS e PAIVA, 2007, p.21), e para a forma de ver e viver o mundo do homem, principalmente o homem urbano (ODALIA, 1991).

Partindo desse cenário, visamos realizar uma revisão teórica para reforçar a relação do Jornalismo com a Sociologia da Violência⁵. A partir desta reflexão, pretendemos levantar questões em ambos os campos de conhecimento que possam ser complementares para as finalidades da nossa pesquisa de conclusão de curso, em consonância com a perspectiva analítica e interdisciplinar da construção de sentido da “máquina midiática” (CHARAUDEAU, 2015).

⁵Foram fundamentais para a nossa reflexão as seguintes referências: Barreira e Adorno (2010), e Michaud (2001).

2.1 SOCIOLOGIA DA VIOLÊNCIA E CONFLITUALIDADE

O filósofo francês Yves Michaud defende a ideia de uma distância – na instância de concepção teórica, lugar de fala, compreensão e análise – da violência em relação às normas e regras que regem uma determinada sociedade e definem o que é natural, normal e legal. Esse distanciamento configura um cenário que permite a ameaça do imprevisível a partir do momento em que se tenta definir o que não tem regularidade e se encontra num “estado inconcebível no qual, a todo momento, tudo (ou qualquer coisa) pode acontecer” (MICHAUD, 2001, p.12). Essa imprevisibilidade se dá como a denominação de uma situação de caos, e também colabora para uma ideia de insegurança.

A sensação de medo e insegurança possui lastro social, uma vez que fatos e dados mostram o crescimento de todas as modalidades de crime e violência a partir do fim dos anos 1970. Houve, após a redemocratização do Brasil, um aumento dos casos de conflitos

dentre os quais se destacam os conflitos mais propriamente sociais, envolvendo disputas pelo controle de territórios, vinganças por dívidas ou suspeitas de delação e traição, partilha de produtos de roubos ou outras atividades ilegais; e os conflitos interpessoais com desfechos fatais - conflitos de vizinhança, nos lares, nos bares e espaços de sociabilidade e lazer, nas escolas, nas ruas e vias de circulação urbana e, inclusive, no transporte público (BARREIRA E ADORNO, 2010, p.307)

Na Sociologia da Violência tem-se como principal foco as formas de conflitualidade social, onde o emprego de violência está atrelado à resolução, mediante “meios determinados, segundo modalidades singulares e no contexto de particularidades históricas” (BARREIRA E ADORNO, 2010, p.307)

Por essa razão o foco sociológico privilegia decifrar o curso das mudanças sociais. (...) Para além, interessa identificar microscópios desarranjos que o crime e a violência introduzem nos tecidos sociais a ponto de suscitar a reinvenção de formas de sociabilidade e de relações de poder que atualizam o passado no presente e, simultaneamente, produzem rupturas. O foco sociológico interroga o crime e a violência não como expressões de anomia, mas como linguagem social, como repertório de narrativas produzidas coletivamente que, ultrapassando o campo normativo, sugerem caminhos da sociedade brasileira em sua contemporaneidade.(BARREIRA E ADORNO, 2010, p.310-311)

Convergindo para esta perspectiva, atentamos para a importância de articular estes estudos junto do Jornalismo, problematizando a forma que os veículos midiáticos têm produzido seus discursos sobre a violência a partir da cobertura jornalística deste fenômeno. Para isso, acreditamos na hipótese de que a cobertura jornalística está diretamente relacionada com os estudos da Sociologia da Violência, uma vez que o próprio fenômeno da violência

está impregnado na sociedade, e um dos principais fatores que corrobora para essa impregnação é a produção noticiosa deste fenômeno (ODALIA, 1991).

2.2 MÍDIA, VIOLÊNCIA E PREGNÂNCIA SOCIAL DO DISCURSO JORNALÍSTICO

A mídia e o Jornalismo configuram uma máquina complexa de disseminação de ideologias e formas de ver o mundo. Imaginários são formados em torno de informações transpassadas em

lugares disseminados de absorção e transformação do fluxo histórico-dinâmico da vida social em projeções fantasiosas que (...) fingem dar conta da realidade em sua máxima objetivação. (SODRÉ, 2002, p. 30)

Historicamente, as notícias sobre criminalidade e violência tem estado em evidência através da mídia, por afetar a vida da população e a sua forma de ver e experienciar o mundo. Há aproximadamente 50 anos na mídia tradicional (veículos impressos e radiofônicos com maior impacto na opinião pública) ganhavam maior destaque as notícias que envolviam rumorosos casos passionais, vinganças pessoais ou crimes de mando político, principalmente se as vítimas ou agressores eram pessoas reconhecidas publicamente (BARREIRA E ADORNO, 2010, p.303-304).

A cobertura jornalística sobre violência obtinha espaço em sessões especializadas em reportagem policial, principalmente em jornais populares, que retratavam cotidianamente os crimes como uma espécie de folhetim que retratava o modo de vida de pessoas comuns, moradoras de bairros de classe popular.

Historicamente, a reportagem policial tem sido um dos setores menos valorizados nos jornais, e costumava a ser delegada a profissionais menos experientes ou menos preparados do que os de setores considerados “sérios, como o da cobertura política. (RAMOS E PAIVA, 2007, p.15)

A partir dos anos 1960 que a cobertura jornalística sobre violência começa a ter mais espaço nos jornais, passando a ocupar espaços em colunas ou sessões especializadas dos grandes jornais do país.

(...) Frases do tipo "bandido bom, é bandido morto" ou "não temos mortos a lamentar"!!passaram a frequentar o senso comum, largamente disseminadas em jornais populares como O Dia (RJ), Notícias Populares (SP), Diário Gaúcho (RS) e Folha de Pernambuco (PE). O medo toma conta dos cidadãos e cidadãs não apenas nas grandes cidades, mas também nas médias. (BARREIRA E ADORNO, 2010, p.306-307)

Jacques Wainberg (2010) nos traz reflexões acerca da característica imagética da violência dentro do Jornalismo, afirmando que

A violência que aparece no vídeo torna o mundo muito mais violento do que realmente é. Essa ressonância cria uma imagem distorcida, pois há que se salientar que, na vida real, há também a boa notícia tão desprezada por esse paladar jornalístico e ficcional tão marcadamente sedento de conflitos.” (WAINBERG, 2010, p.143)

Assim a violência vai se adentrando no jornalismo, ansiando pelo conflito e, a partir do seu significado social, corrobora para a ideia de medo, desregramento, anomia, caos e insegurança. A veiculação de uma perspectiva superficial sobre o fenômeno da violência urbana propicia imaginários sociais deturpados, onde o ódio é exalado com intensidade. Ao mesmo tempo, o espetáculo da violência cativa, prende, traz audiência, mesmo antes da televisão.

No jornalismo a violência é pautada a partir de uma ação cênica premeditada de modo a disseminar pânico, medo, raiva e rancor (WAINBERG, 2010), e percebe-se na cobertura sobre violência um vício na dependência de informações oriundas de fontes oficiais (RAMOS e PAIVA, 2007, p.37), como os órgãos de segurança pública, em especial as instituições coercitivas (instituições que efetivam o poder de coerção do Estado Democrático de Direito) – termo que iremos nos apropriar a partir de Nobrega Júnior (2005).

A mídia precisa do ato cênico para poder enquadrar o fato nos seus valores de noticiabilidade. Por decorrência, a maior parte dos fatos jornalísticos é fruto desse tipo de produção artística. (WAINBERG, 2010, p.141)

O aspecto performático é um dos aspectos mais importantes da violência, e o mesmo é configurado a partir dessa ideia de perturbação, insegurança, desregramento (MICHAUD, 2001, p.13). Por estar relacionada à ideia de transgressão das regras, a violência carrega no seu significado e uso “valores positivos ou negativos vinculados à ideia de transgressão” (ibid, p.13), e através disso agita-se uma ameaça ou denuncia-se um perigo.

Um enunciado ou uma expressão tem um valor performativo quando ao pronunciá-lo realizamos uma ação. (...) De modo análogo, caracterizar alguma coisa – ato, comportamento, situação – como violência, é atribuir-lhe um valor e começar a agir. (MICHAUD, 2001, p.13)

A antropóloga Alba Zaluar, no seu texto “Oito temas para debate: violência e segurança pública”⁶ também problematiza a ideia de ação da violência ao criticar a assertiva de que “a cultura da violência existe e cresce”.

Quando a violência irrompe, muitas vezes, por uma conjunção de ações retroalimentadas por outras ações individuais ou coletivas, ela é governada não apenas pelo cálculo racional, mas pela paixão ou emoção descontrolada. A violência absoluta se exalta e se propaga indefinidamente no circuito das vinganças, mas também dos prazeres destrutivos que se tornam viciados e excessivos. (ZALUAR, 2002, s.p.)

A enxurrada de informações à qual esta sociedade da informação (WERTHEIN, 2000) está submetida, contribui para este debate. Para se pensar nesse contexto de overdose informacional, Gleick (2013) traz alguns apontamentos sobre a intensidade do fluxo de informação e seus malefícios, trazendo uma analogia que de certa forma se dá como metafórica para uma ação de violência.

Dilúvio passou a ser uma metáfora comum para as pessoas que descreviam a fatura de informação. Existe uma sensação de afogamento: o excesso de informação seria como uma enxurrada, violenta e irrefreável. Ou evoca à mente um bombardeio, os dados impingindo uma série de golpes, vindos de todos os lados e rápidos demais. (GLEICK, 2013, p. 412)

Nesse sentido, a própria cobertura jornalística exerce uma violência através da produção noticiosa, “impingindo uma série de golpes” (no que se refere à cobertura jornalística sobre violência) que mesmo vindos de vários lados, acabam convergindo para uma abordagem em comum: cercada de vícios pelas fontes institucionais oficiais, reproduzindo lógicas estigmatizantes, estabelecendo critérios de noticiabilidade que promovem um imaginário de medo, anomia, e muitas vezes atrelados à isso o preconceito de classe (RAMOS E PAIVA, 2007). É desta forma, denotando certa preferência da mídia e da indústria cultural pela violência, que a informação “(...) com a violência empunhada, entra-se nas páginas dos jornais e nas edições de telejornais. E, através destes, na mente do público” (WAINBERG, 2010, p.141).

O próprio discurso elaborado pela mídia tradicional sobre a violência (RAMOS E PAIVA, 2007) se configura como um ato violento. Pelo seu significado estar atrelado ao imprevisível, a violência introduz desregramento e caos numa sociedade normatizada (MICHAUD, 2011, p.13). Tais sensações de medo, caos e ausência de regras são diretamente

⁶ Disponível em <<http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/2/15.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2016.

influenciadas pelos veículos midiáticos e pela forma que é produzido o discurso sobre violência.

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer “ainda bem que não aconteceu comigo”. Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos. (CARVALHO et al, 2012)

Marlene Sólido (2010) pesquisou o discurso sobre a violência urbana entre 1994 e 2004 nos jornais Pioneiro, Correio do Povo, Zero Hora e Folha de São Paulo, e com esta pesquisa ela denuncia uma naturalização na associação entre as noções de pobreza e violência, bem como violência e juventude (SÓLIO, 2010, p.25). No seu estudo, a autora constata a violência da mídia efetivada através dos atos de distorção e silenciamento em relação à sociedade a que deveria servir.

Esse tipo de violência impingido por determinados grupos sociais articulados com o poder, assim como a descontextualização de episódios relacionados à criminalidade são o discurso sobre violência do qual a mídia não fala. (SÓLIO, 2010 p.31)

A autora afirma que, ao promover um estereótipo de violência a partir do seu “sintoma” e não do contexto social em que determinado acontecimento ocorre, percebe-se “a ausência da crítica, da reflexão da diversidade de pontos de vista; temos um discurso tautológico da violência por ela própria” (SÓLIO, 2010, p.27).

A cobertura jornalística, enquanto dispositivo de poder (GOMES, 2013) colabora para que o imaginário social não compreenda a complexidade do fenômeno da violência na sociedade ao ser alimentada por uma produção noticiosa amparada pelo vício em fontes policiais e pouquíssima ou nula presença de especialistas para discussão.

A ausência de muitos tipos de fontes [especialistas, testemunhas, vítimas, familiares de vítimas] acaba por gerar uma cobertura pouco diversificada, na qual temas como direitos humanos, violência enquanto fenômeno social, raça e etnia, gênero e violência doméstica, por exemplo, são pouco frequentes. O resultado é um conjunto de matérias em que predomina a pouca contextualização e a pluralidade, muito dependente da perspectiva de delegados e oficiais de Polícia Militar. (RAMOS E PAIVA, 2007, p.39)

Maria Benevides (1983) afirma que a violência noticiada pela imprensa tradicional traz uma ênfase nos crimes cometidos dos já chamados ‘marginais’, que passaram a atingir os bairros de classe média e alta, e essa ênfase

(..) contribuiu para reforçar a estigmatização das ‘classes perigosas’ – o pobre será sempre o suspeito, o bandido em potencial, quando não ‘de nascença’ – e para *dramatizar* o quadro da violência urbana (os grandes crimes contra a economia popular são naturalmente minimizados – não costumam empregar violência física explícita – quer no noticiário, quer nos editoriais).” (p.22-23)

Medeiros (2001) discorre sobre a forma que a mídia tem tratado a violência, afirmando que “a violência na mídia pode contribuir, de fato, para a proliferação gradativa de efeitos anti-sociais junto à sociedade” (MEDEIROS, 2001, p.34). O autor afirma que é necessário que a sociedade organize formas de participação e fiscalização das produções midiáticas, em face ao papel da mídia e dos comunicadores defenderem a cidadania, ajudando a reproduzi-la no campo educacional da infância e da juventude (MEDEIROS, 2002).

Conforme o sociólogo Cláudio Beato⁷, a mídia pauta as agendas na segurança pública, uma vez que governantes e gestores não possuem instrumentos de diagnóstico, monitoramento e avaliação das atividades empreendidas. Essa precarização, por consequência, não possibilita definir uma agenda de problemas prioritários na segurança pública do Brasil. Neste sentido a agenda de prioridades é gerada pelo próprio noticiário sobre a violência.

Assim sendo, é pertinente refletir sobre como a imprensa vem atuando enquanto base de discussões para a elaboração de políticas públicas securitárias, pois a maneira que ocorre a cobertura jornalística que gera o noticiário sobre criminalidade, violência e segurança pública corrobora para um imaginário de anomia e está atrelada a vícios de apuração que por sua vez influenciam no planejamento e efetivação de políticas públicas. Estas resultam numa coerção excessiva a partir do uso abusivo de poder por parte das principais fontes desse noticiário, os órgãos de segurança pública: as polícias civis e militares e suas subordinantes, como as secretarias de justiça e segurança pública.

Em outras palavras, na nossa perspectiva de análise – que será detalhada mais adiante – os órgãos coercitivos possuem um duplo papel para o noticiário sobre a violência: 1) compõe o poder executivo que aplica as políticas públicas de segurança agenciadas por este noticiário, e 2) são também fontes predominantes desse noticiário⁸.

A discussão proposta neste capítulo torna necessário propor o termo *Jornalismo de Violência* para nos referirmos aos aspectos estruturais da pertinência do Jornalismo dentro do fenômeno da violência, e vice-versa. Unir o campo do Jornalismo aos estudos sobre violência

⁷ In RAMOS E PAIVA, 2007.

⁸ Conforme as pesquisas realizadas pelo CESeC e referenciadas em Ramos e Paiva (2007)

nos permite identificar as nuances da cobertura jornalística sobre tal fenômeno, bem como inferir acerca de uma cobertura jornalística ideal que contribuirá para uma nova forma de tratar o fenômeno. Ressaltamos que nesta pesquisa o nosso enfoque é a violência policial.

3. JORNALISMO ESPECIALIZADO E INDEPENDENTE

Neste capítulo vamos introduzir o nosso objeto empírico, o portal Ponte Jornalismo, e como o mesmo se estrutura enquanto veículo de jornalismo especializado acerca da violência, criminalidade e segurança pública. No item 3.1 faremos uma incursão teórica sobre jornalismo especializado. Já no item 3.2 iremos levantar as definições teóricas acerca do jornalismo independente.

3.1 JORNALISMO ESPECIALIZADO, AMBIENTE DIGITAL E INTERTEXTUALIDADE

O Jornalismo Especializado, conforme Tavares (2009), está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos, porém se dá mais como lugar de emergências de objetos do que um objeto ele mesmo. Neste sentido, conforme o autor defende, o Jornalismo Especializado é pensado a partir de duas perspectivas: a perspectiva normativa, relacionada à produção desse tipo de jornalismo, com textos voltados para os preceitos e técnicas que abrangem essa prática; e a perspectiva conceitual, direcionada para a estruturação de um lugar teórico para tal manifestação no campo do Jornalismo, compreendendo reflexões sobre o conceito de Jornalismo Especializado, seus métodos de pesquisa e teorias próprias, onde figura a necessidade de um maior número de pesquisas que se voltem para especialização jornalística.

O autor afirma que a emergência de novas mídias propiciou ainda mais a segmentação de conteúdo para públicos específicos. Assim, construção desse universo de informação midiática dá-se de forma específica, por tratar de

Atribui-se a esse tipo de jornalismo, portanto, o papel de buscar intermediar saberes especializados na sociedade, construindo um tipo de discurso que, noticioso, ou “apenas” informacional, promova um outro tipo de conhecimento que se funde – geralmente – na compreensão conjunta do universo científico e do senso comum. (TAVARES, 2009, p.123)

Consonante com as reflexões de Tavares (2009), o próprio Jornalismo de Violência possui métodos específicos que compreendem esta prática jornalística. Desta forma, ao nosso ver, o Ponte Jornalismo configura-se como Jornalismo Especializado por tratar de uma temática específica e necessitar de conhecimentos específicos para a sua produção. Um dos fundadores, Fausto Salvadori, nos afirma por e-mail que é necessário ter conhecimentos mínimos sobre direito penal, o funcionamento do sistema penitenciário e policial, questões de

gênero e racismo. “O mais importante é lembrar sempre que somos seres humanos falando de outros seres humanos”, afirma⁹.

Assim, consideramos que o Ponte trata de um Jornalismo especializado por construir um universo midiático específico acerca de justiça, segurança pública e direitos humanos. Tavares afirma que o Jornalismo especializado

propõe-se sempre uma junção, independentemente do meio e do conteúdo, entre a necessidade de um processo de leitura distinto sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível como parâmetros para se pensar essa prática jornalística (TAVARES, 2009, p.125)

É nesse processo de pensar a prática jornalística que Tavares (2009) situa sua reflexão acerca das informações oriundas do Jornalismo Especializado. Para o autor, o contexto de produção e recepção do Jornalismo Especializado é

“bastante marcado pela circulação de sentidos acerca de temas que dizem da sociedade e, ao mesmo tempo, da relação recíproca que esta estabelece com a mídia” (TAVARES, 2009, p.128)

A quantidade de informações prontas para consumo gratuito na web denota um excesso informativo frente a uma explosão crescente de dados na web¹⁰, Para lidar com a profusão informativa, surgem na web ou em aplicativos móveis soluções algorítmicas para lidar com o grande fluxo de informação, que se configuram como ferramentas de organização de abundância informativa por meio de algoritmos. Indexadores e motores de busca como o Google, a rede social Facebook, dentre outros aplicativos, tem na sua estrutura uma base composta por algoritmos que tendem a controlar o fluxo de informação na web (CORRÊA e BERTOCCHI, 2012). Para as autoras, o excesso de informação “exige organização e contextualização, o aprendizado tecnológico demanda investimento corporativo e disponibilidade intelectual, a mobilidade e a proximidade solicitam novos formatos narrativos” (CORRÊA e BERTOCCHI, 2012, p.135).

A já citada metáfora do dilúvio de James Gleick (2013, p.412) nos ajuda a refletir sobre a informação. O autor também ressalta a importância da indexação na web frente ao

⁹ SALVADORI, F. **Re: Ponte Jornalismo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lenonmpff@gmail.com> em 5 nov. 2016

¹⁰ Recomenda-se verificar o site Internet Live Stats. Disponível em <<http://www.internetlivestats.com/>>. Acesso em 06 out. 2016.

grande fluxo de informação, afirmando que “um site não indexado na internet se encontra no limbo tanto quanto um livro deixado na estante errada da biblioteca” (GLEICK, 2013, p.420).

Barabási (2009, p.147) nos traz uma reflexão importante acerca da organização da informação e sua navegabilidade na web, expondo a relação entre os links dentro da direcionalidade das redes com base no trabalho de Andrei Broder, do site de buscas e indexador AltaVista¹¹ (atualmente desativado¹²), em 1999. Broder dividiu a web em quatro grandes continentes: 1. *Núcleo central*, abriga todos os grandes sites da web (Google, Yahoo!, Facebook); 2. *Continente interior*, tão grande quanto o núcleo central porém mais difícil de navegar, a partir dele pode-se chegar ao núcleo central, mas o caminho contrário não ocorre; 3. *Continente exterior*, semelhante ao *continente interior*, porém este continente é acessado através do núcleo central e o caminho reverso não ocorre (sites corporativos); e 4. *Filamentos e ilhas*, formado, que são “grupos isolados de páginas interconectadas que são inacessíveis a partir do núcleo central e não possuem links de volta para ele”, como sites não indexados em ferramentas de pesquisa (BARABÁSI, 2009, p.149).

Sempre que colocamos um texto numa rede de outros textos, reforçamos a sua existência como parte de um diálogo complexo. A linkagem hipertextual, que tende a mudar os papéis de autor e receptor, altera também os limites do texto individual (LANDOW, 1992, p.63 apud DALMASO, 2010).

Dentro dessa perspectiva, e considerando as relações entre os continentes da web (BARABÁSI, 2009, p. 147), os links presentes na web a partir dos sistemas hipertextuais permitem linkar em um texto outros textos complementares ou contraditórios, agregando mais informação a uma primeira informação dada. Através da linkagem hipertextual toda informação é dotada de informações subsequentes, umas sempre relacionadas com as outras, e assim se configura a construção de um universo midiático de acontecimentos (CHARAUDEAU, 2015). Neste sentido, podemos refletir acerca da intertextualidade de notícias e e a sua inerência ao caráter hipertextual do meio digital, bem como situar aqui o nosso objeto empírico.

¹¹ Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20130705170943/http://www.altavista.com/>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

¹² Ver: <<https://sites.google.com/site/historiasobreossitesdebusca/historia-dos-principais-sites-de-busca/historia-do-site-de-busca-alta-vista>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

3.2 MÍDIA ALTERNATIVA E JORNALISMO INDEPENDENTE

O campo do Jornalismo no Brasil se deteve por muito tempo em pesquisar a mídia hegemônica e empresarial, a grande mídia brasileira. Esta realidade se perdura até o momento, e as pesquisas em jornalismo alternativo e independente não são maioria, e os estudos atuais não são suficientes para a determinação de um conceito do que é alternativo ou independente dentro das iniciativas jornalísticas. Sendo assim, trazemos para a discussão estes conceitos que, a partir de uma revisão teórica, iremos expor.

Iniciativas jornalísticas alternativas e independentes têm uma característica essencial que influi na sua condição de veículo midiático: a não vinculação a instituições e organizações de direito privado, propiciando uma maior pregnância na democracia.

O confronto entre o hegemônico e o alternativo se coloca aqui, portanto, no processo de legitimação de agendas e fontes. Por isto, a existência da mídia alternativa é garantia de uma reflexão radical (no sentido de pegar pela raiz) da própria estrutura do debate democrático. (OLIVEIRA, 2011, p.62)

Essas iniciativas podem ser compreendidas como um empreendedorismo jornalístico, podendo se caracterizar como um negócio emergente. (DEUZE e WITSCHGE, 2015). É necessário lembrar também da importância da mídia alternativa na atualidade. Oliveira afirma que

A mídia alternativa cumpre um importante papel, dentre outros, de ampliar as vozes da esfera pública, agindo como um elemento problematizador do processo instituinte de determinadas vozes feito pela mídia hegemônica. Desta forma, o espectro de opiniões e de olhares sobre os assuntos se amplia, assim como há outros definidores das agendas públicas para além do estreito círculo das fontes oficiais.(OLIVEIRA, 2011, p.62).

Na presente pesquisa percebemos que o portal Ponte Jornalismo se configura como jornalismo alternativo e independente¹³, por instituir diferentes vozes além do que é instituído no debate público pela mídia hegemônica. Aqui podemos elencar preliminarmente uma característica da cobertura jornalística do Ponte sobre a violência policial (e também sobre outras pautas): a recorrência predominante a fontes não institucionais (testemunhas, vítimas, pessoas próximas à vítima e especialistas), e não apenas as fontes institucionais (instituições coercitivas).

¹³ Recomenda-se ver o Mapa do Jornalismo Independente, uma iniciativa da Agência Pública. Disponível em < <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/#> >. Acesso em 15 nov. 2016.

3.3 O PORTAL PONTE JORNALISMO

Com 58.060 curtidas na sua página do Facebook¹⁴, o Ponte Jornalismo surgiu em maio de 2014. Segundo um dos fundadores em entrevista por e-mail, Fausto Salvadori, o Ponte Jornalismo surgiu a partir de um grupo de jornalistas experientes vindos da grande mídia e outros iniciantes que perceberam a necessidade de criar um canal para dar mais visibilidade ao grave problema das violações de direitos humanos praticadas pelas forças de segurança do Estado brasileiro, que não recebem a cobertura merecida dos grandes veículos de comunicação.

Nos primeiros meses, a Pública - Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo¹⁵ incubou a equipe do Ponte, disponibilizando recursos para a criação do site e uma estrutura mínima de computador e telefone. O portal conta com cerca de dez jornalistas que formam o núcleo de redação¹⁶, e com várias entidades e colaboradores parceiros.

Segundo Fausto Salvadori, em entrevista por e-mail, a maioria dos colaboradores é jornalista, pois segundo ele abordar o tema da segurança pública “requer conhecimento mínimo de Direito, de questões da segurança pública e de técnicas jornalísticas, como a necessidade de ouvir todos os lados envolvidos” (SALVADORI, 2016, entrevista concedida ao autor). Também há colaboradores¹⁷ que são professores, como Camila Nunes Dias; ativistas, como as Mães de Maio; e artistas, como Emicida e Sérgio Vaz.

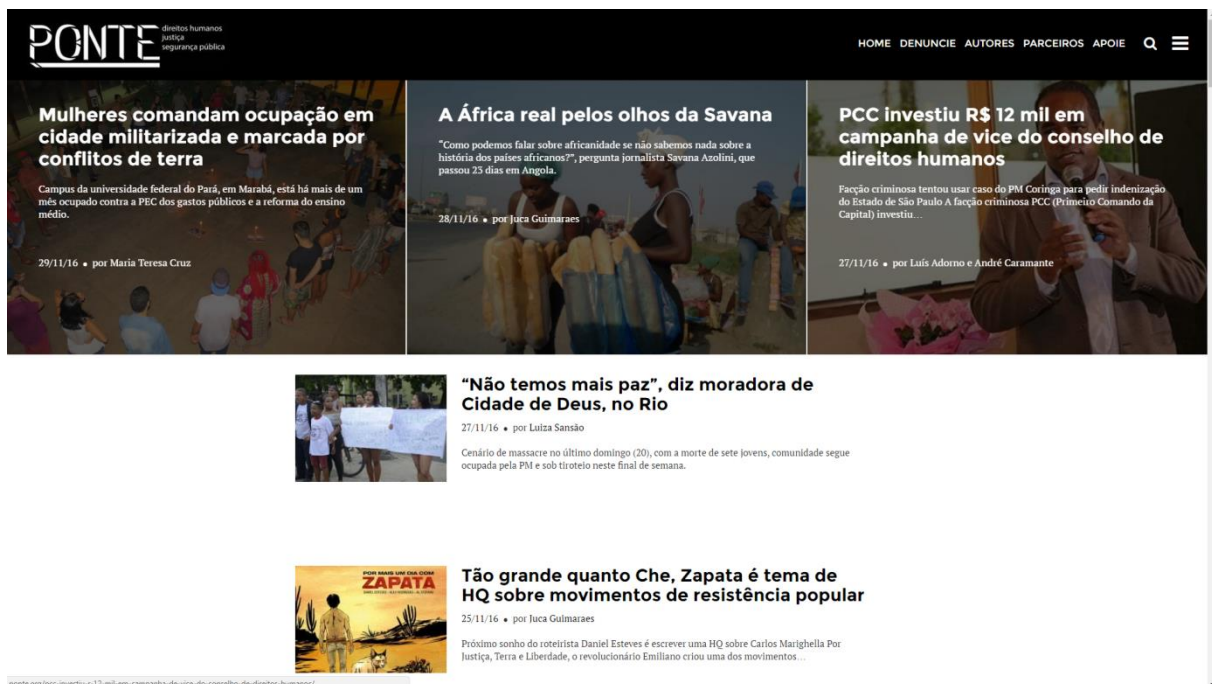
¹⁴ Disponível em < <https://www.facebook.com/pontejornalismo/?fref=ts> >. Acesso em 17 nov. 2016.

¹⁵ Disponível em <<http://apublica.org/>>. Acesso em 24 ago. 2016

¹⁶ Em entrevista, Fausto Salvadori reforça a busca pela pluralidade da cobertura jornalística do portal, dando visibilidade ao que a grande mídia não atenta. Por isso um núcleo de reda Disponível em <<http://ponte.org/contact/autores/>>. Acesso em 24 ago. 2016.

¹⁷ Disponível em <<http://ponte.org/contact/apoiadores/>> . Acesso em 24 ago. 2014

Figura 1: Print do portal Ponte Jornalismo – Homepage



Fonte: Site do Ponte Jornalismo. Disponível em < <http://www.ponte.org/> >. Acesso em 15 nov. 2016.

Conforme a descrição no site, o portal Ponte é um canal de informações sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos que surgiu da convicção de que jornalismo de qualidade sob o prisma dos direitos humanos é capaz de ajudar na construção de um mundo mais justo.

O principal objetivo do Ponte é dar visibilidade a questões que passaram a ser omitidas pela grande mídia e levar à sociedade informações sobre “o que está silenciado e encoberto”. Assim, o Ponte se propõe, a partir de um jornalismo investigativo isento de compromissos econômicos, agendar o debate público, levar o Estado e a sociedade a buscar soluções para a desigualdade, a injustiça e a opressão policial. Por e-mail, Fausto Salvadori afirmou

Como a Ponte é uma iniciativa que busca pensar na informação levando em conta o impacto que ela pode ter na sociedade, e não sua possibilidade comercial, não pensamos muito no conceito de público-alvo. (SALVADORI, 2016, entrevista concedida ao autor)

O Ponte nasce com o apoio institucional da Agência Pública de jornalismo investigativo, uma organização sem fins lucrativos pioneira no Brasil, que visa ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção

dos direitos humanos. É sob esse prisma que deve ser vista a sua participação na fundação da Ponte, fornecendo apoio institucional e estrutura, como incubadora do projeto.

Figura 2: Print do portal Ponte Jornalismo – Aba lateral e editorias



Fonte: Site do Ponte Jornalismo. Disponível em < <http://www.ponte.org/> >. Acesso em 15 nov. 2016.

No menu lateral do site podemos ver como o mesmo se estrutura, em relação à disposição das suas notícias. A divisão do site compreende nas editorias Direitos Humanos, Justiça e Segurança Pública, e as subeditorias Gênero, Racismo e Violência Policial. Fausto nos informa que o Ponte Jornalismo pensa primeiramente na informação levando em conta a sua relevância e o seu potencial de impacto na sociedade e não pela sua possibilidade comercial, e por isso afirma que a redação do Ponte não se atém muito ao conceito de público-alvo.

Temos uma informação importante para passar e vamos passá-la. Começa por aí. Quem vai nos ouvir? Aí é o segundo passo. Vamos começar a estruturar essa ideia de público-alvo a partir de agora, pelo caminho inverso: quase três anos após lançar nosso site, queremos fazer uma pesquisa para ver quem é que nos lê. Idealmente, penso que o leitor da Ponte é qualquer pessoa preocupada com a questão dos direitos humanos no Brasil, incluindo aí ativistas, estudantes, moradores de bairros pobres etc. (SALVADORI, 2016)

Fausto afirma que o Ponte surgiu com a ambição de fazer as pessoas prestarem mais atenção aos problemas que afetam os direitos humanos, ajudando a superar a invisibilidade da violência que afeta os moradores pretos e pobres das periferias. Ninguém é remunerado por atuar no Ponte. Os jornalistas que compõe o quadro do Ponte Jornalismo tem emprego em

outras organizações, e usam do seu tempo livre para apurar e produzir o conteúdo que alimenta o site. Segundo Fausto, o que mantém o Ponte são “os esforços de todos nós, trabalhando nas horas vagas, porque o projeto ainda não é sustentável e não vivemos dele”. Uma das formas do portal se manter é através de doações, que podem ser feitas no próprio site¹⁸.

Um ponto essencial que nos permite remeter ao portal Ponte como um veículo de Jornalismo Especializado é seu espectro definido: a temática explicitada no próprio site – direitos humanos, justiça e segurança pública – o que resulta na seleção de acontecimentos determinados para a construção de um universo midiático específico. Além disso, conforme iremos demonstrar no capítulo 5, a maioria das matérias se remete à um acontecimento já relatado pelo portal, o que denota o seu caráter hipertextual e de pertinência nos acontecimentos relatados pelo portal. O portal Ponte não visa o lucro: é produzido de forma independente por um conjunto de jornalistas do Rio de Janeiro e São Paulo.

¹⁸ Disponível em < <http://ponte.org/doi-para-a-ponte/>> Acesso em: 12 nov. 2016.

4. PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS DE ANÁLISE

Tendo em vista a importância da cobertura jornalística sobre a violência para o agendamento de políticas públicas e como essa cobertura influencia na forma de ver e viver o mundo, elencamos neste momento os nossos critérios e métodos de coleta e análise.

Para a metodologia, nós adotamos a Análise de Conteúdo para uma análise *macro* mais abrangente visando definir textos específicos e representativos de uma futura categorização, para posterior análise *micro* mais focada e determinada no nosso objeto. Utilizando a metodologia de Análise de Discurso e Análise de Conteúdo, proponho a verificar como é dada a cobertura jornalística do portal Ponte sobre a violência policial. Para isso, consideramos a importância em investigar tal temática, por abranger uma das pautas mais recorrentes e que, quando abordadas na mídia, mais influem no imaginário e na visão de mundo de uma sociedade: a violência policial.

4.1 CONSTRUÇÃO DE UM BANCO DE DADOS: METODOLOGIA E CRITÉRIOS

Conforme elencado nos capítulos anteriores, tratar do fenômeno da violência é algo complexo. Através desta temática ao jornalismo, foi um desafio definir um protocolo metodológico para analisar como o portal Ponte Jornalismo trata a violência policial.

Para definir os nossos critérios para coleta das matérias do portal Ponte, percebemos a necessidade de restringir o nosso espectro visando o nosso objetivo principal. Por isso definimos como critério principal que as notícias analisadas devem relatar sobre um determinado acontecimento de violência policial. Entendemos por violência policial toda as ações de instituições coercitivas onde ocorre: uso excessivo e desmedido de força, abuso de poder, negligência, homicídio e não cumprimento dos direitos humanos, em momento de serviço. A respeito da violência policial, Paulo Mesquita Neto (1999) afirma que

Os casos de violência policial, ainda que isolados, alimentam um sentimento de descontrole e insegurança que dificulta qualquer tentativa de controle e pode até contribuir para a escalada de outras formas de violência. A violência policial, principalmente quando os responsáveis não são identificados e punidos, é percebida como um sintoma de problemas graves de organização e funcionamento das polícias. Estes problemas, se não forem solucionados, particularmente em democracias emergentes como o Brasil, podem gerar problemas políticos, sociais e econômicos sérios e podem contribuir para a desestabilização de governos e de regimes democráticos. (NETO, 1999)

Percebemos em nossa análise que os acontecimentos de violência policial podem ocorrer à nível urbano (que ocorre no cenário urbano, manifestações, reintegração de posse,

blitz, operações urbanas), à nível periférico (intervenções securitárias em vilas, favelas) à nível carcerário (abuso de poder por parte de agentes penitenciários), e à nível investigativo-judicial (investigação de inquérito, mandados judiciais).

Caso o critério principal não se cumpra, definimos como critério subsequente que as notícias analisadas devem se relacionar a um acontecimento de violência policial já relatado pelo portal Ponte. Isso nos permitirá inferir acerca da pertinência da cobertura jornalística do portal em relação à um mesmo acontecimento. Primamos por uma análise que compreenda também a perspectiva da resolução semântica dos acontecimentos (FIDALGO, 2007). Contudo, não consideramos em nossa análise as notícias que tratam de acontecimentos que não foram noticiados anteriormente pelo portal Ponte Jornalismo.

Consideramos pertinente também incluir na nossa análise as publicações que tratam do fenômeno policial como um todo, e não se referem à um acontecimento em específico¹⁹ Como nosso objetivo principal é analisar a cobertura jornalística sobre a violência policial, não consideramos, na construção do nosso banco de dados, textos de cunho opinativo ou de divulgação. Assim, nosso corpus compreende as matérias que dizem respeito a acontecimentos que ocorreram a partir de maio de 2014.

Em relação à nuvem de tags, uma maneira visual de identificar predominância de determinados termos na cobertura jornalística sobre violência do Ponte, nós as concebemos no aplicativo Tagul – Word Cloud²⁰, e a fizemos com dois conjuntos de termos: o conjunto de títulos das 87 matérias coletadas; e conjunto de termos pesquisados em todos os textos

Neste sentido acreditamos que, ao utilizar as metodologias de Análise de Conteúdo e Análise de Discurso para analisar matérias representativas das categorias pré-estabelecidas, em comparação com estudos já realizados sobre notícias publicadas na mídia tradicional sobre a violência, poderemos realizar reflexões acerca da cobertura jornalística sobre a violência realizado pelo portal Ponte Jornalismo, se existem características específicas na mesma, e quais que são estas especificidades.

Nosso corpus é composto por 87 textos que compreendem o período de 30 de maio de 2014 até 30 de maio de 2015, o primeiro ano de atuação do Ponte. As matérias foram coletadas a partir da captura em *.pdf das notícias publicadas no site (DE PAULA, 2014) e podem ser conferidas na tabela abaixo.

¹⁹ Como por exemplo matérias que trazem dados e análises acerca do cenário da segurança pública, atrelada ao fenômeno da violência policial.

²⁰ Disponível em <<https://tagul.com>>. Acesso em 15 nov. 2016;

Tabela 1: As notícias do nosso corpus (data em MM/DD/AAAA)

(continua)

Título	Data (MM/DD/AAAA)
Vídeo indica que rapaz morto pela PM não teria reagido a abordagem	5/30/2014
Letalidade policial aumenta 206% em SP	6/23/2014
Investigação contradiz PM	6/24/2014
Saiba identificar os policiais	6/24/2014
Cicatriz na dignidade	6/25/2014
Depoimento que Patrícia Rodsenko concedeu à Ponte no mesmo local em que foi atingida	6/25/2014
PMs de SP mataram 10 mil pessoas em 19 anos	6/25/2014
“Foi bala da polícia, sim”, afirma professora	6/26/2014
Policiais arrastam advogado durante desocupação em SP	6/26/2014
Conselho ouvirá advogado detido pela PM	6/27/2014
Lógica de eliminar oponente deve acabar, diz delegado	6/27/2014
A morte da palhacinha	6/30/2014
A guerra silenciosa na Zona Leste de São Paulo	6/30/2014
"Os jovens policiais estão desesperados"	6/30/2014
Ativista preso diz que polícia quis “mostrar serviço”	7/1/2014
Ativista preso diz que polícia “quis mostrar serviço (2ª versão)”	7/2/2014
PM mata suspeitos de crime contra soldado de Mogi	7/3/2014
Advogados pedem que MP investigue PMs por ‘tortura’	7/4/2014
Direitos humanos cobram investigação em Presidente Prudente	7/9/2014
PM assumiu risco de matar atriz, diz ouvidor das polícias	7/9/2014
Disparo contra Luana foi acidental, segundo Polícia Civil	7/9/2014
Dois meninos e uma sentença de morte no Rio de Janeiro	7/10/2014
Testemunha contradiz PM sobre morte de Luana	7/17/2014
Oficiais de protestos no RJ têm histórico violento	7/17/2014
Ouvidoria critica abuso da PM em manifestações	7/23/2014
Polícia Civil vai investigar morte de atriz em Prudente	7/23/2014
9 casos de tortura ou de tratamento cruel	7/28/2014
Grupo protesta em São Paulo por morte de atriz	7/29/2014
Família diz que pichadores foram executados por PMs	8/3/2014
"Estamos vivendo um ciclo de violência", diz Fernando Grella	8/5/2014
PMs já mataram 62% a mais que em 2013	8/5/2014
Número de mortos por PMs no litoral e interior sobe 45%	8/7/2014
Pichação se une em protesto por mortes de Alex e Ailton	8/8/2014

Tabela 1: As notícias do nosso corpus (data em MM/DD/AAAA)

(continuação)

Polícia de SP mata sempre nos mesmos lugares, nos mais pobres	8/8/2014
Letalidade da PM é escandalosa, diz diretor da Anistia Internacional no BR	8/10/2014
Começa julgamentos de PMs suspeitos de matar vítima de assalto	8/14/2014
Jurí condena ex-PMs por matar assaltante e vítima em 2004	8/15/2014
Justiça cobra laudo de jovem acusado por PM de se matar algemado	8/15/2014
Maternidade condenada	8/15/2014
Mulher que deu à luz algemada na prisão dá entrevista pela 1ª vez	8/15/2014
Policiais são investigados sob suspeita de torturar motoboy	8/20/2014
Justiça militar libera PMs acusados de matar pichadores	8/28/2014
7 fatos difíceis de explicar na morte de 2 pichadores	9/1/2014
Perícia começa a derrubar versão de que jovem algemado se matou	9/30/2014
Família diz que guarda foi morto por ser negro	10/1/2014
Mãe luta para salvar vida de filho baleado por policiais	10/4/2014
Líder comunitária denuncia intimidação policial na Favela do Moinho	10/15/2014
Libertado motorista acusado no Facebook de matar delegado	10/17/2014
Documento secreto: PM viola normas de uso para bala de borracha	10/29/2014
Corregedoria vai investigar PMs da Rota suspeitos de homicídio e de sumiço de jovens	11/14/2014
Moradores acusam Rota pela morte de um jovem e sumiço de outro	11/14/2014
Jovem some após abordagem policial em Salvador (BA). Sumiço já dura 25 dias	11/17/2014
Policiais civis humilham grávida em vídeo divulgado no Facebook	11/25/2014
Jovem que sumiu após morte de PM é encontrado preso	11/25/2014
Jovem pede socorro antes de ser alvejado por PMs na zona sul de SP	12/4/2014
Afastados, PMs que executaram jovem com 10 tiros serão investigados	12/12/2014
MP-SP só vai investigar PMs que executaram jovem em 2015	12/26/2014
O Natal das mães que perderam seus filhos para o Estado	12/18/2014
Jovem que sonhava ser policial é morto por PM	12/29/2014

Tabela 1: As notícias do nosso corpus (data em MM/DD/AAAA)

(continuação)

Polícia reprime com bala de borracha manifestação contra morte de jovem por um PM	1/5/2015
Detenção e humilhação depois do 1º Grande Ato contra o Aumento das Tarifas"	1/10/2015
PM reprime ato do Passe Livre com violência	1/10/2015
PM de SP bate recorde de mortes e não reduz crimes	1/12/2015
PM de SP será investigada por tortura contra manifestantes	1/17/2015
PM ataca manifestantes e mente nas redes sociais	1/18/2014
Ainda não sei se vou voltar a enxergar', diz nova vítima de bala de borracha	1/21/2015
A farsa da PM de SP no Réveillon de 2015	1/22/2015
Veja imagens da reconstituição da execução cometida por PMs contra pedreiro	1/25/2015
PMs que executaram jovem com 10 tiros não devem voltar à corporação	2/1/2015
Documentos apontam que pichadores foram executados por PMs	2/4/2015
Testemunha diz que vítimas da chacina do Cabula (BA) estavam rendidas	2/7/2015
Mais três morrem em ações da PM em Salvador. São 15 mortos desde a 6a Feira	2/8/2015
PMs de São Paulo matam uma pessoa a cada 10 horas	2/10/2015
Policiais acusados de montar farsa para executar pedreiro são soltos	2/10/2015
Comunidade protesta contra chacina no Cabula. PM intimidada	2/12/2015
Sargento da PM que confessou farsa para executar pedreiro é preso	2/12/2015
PMs matam pai de família com 3 tiros na zona sul de SP	3/5/2015
Justiça manda prender 5 PMs por Farsa que resultou na morte dos pichadores	4/25/2015
"Baltimore é aqui" vira grito de guerra na Cracolândia	4/30/2015
PM do Paraná feriu 4 adolescentes. Eles gritavam "sem violência, sem violência".	4/30/2015
"A guerra às drogas legitima a violência policial"	5/1/2015
Polícia quer reconstituir execução de PMs contra jovem, mas caso emperra	2/12/2015
Após 19 dias presos, 5 PMs acusados de matar 2 pichadores são soltos	5/13/2015
PM mata jovem de 16 anos e cria clima de terror no Grajaú	5/28/2015
PMs demoram 5 horas para informar sobre morte de adolescente	5/28/2015
"Se você não sair agora, vou dar um tiro bem na sua barriga, matar você e seu filho"	5/30/2015
Testemunhas dizem que Lucas estava algemado e que pediu a PMs para não ser morto	5/30/2015

Fontes: Elaboração própria do autor

Reforçamos aqui que o nosso banco de dados contém apenas as notícias publicadas no portal Ponte Jornalismo (e não textos de outros gêneros, como opinativos e divulgação de eventos), com a temática “violência policial”, no período de Mai./2014 à Mai./2015, compreendendo o primeiro ano de atuação do portal Ponte.²¹ As matérias desse universo possuem diferentes características, e por conveniência metodológica nós as categorizamos matérias por título, data, fontes utilizadas, a presença da polícia no título, a forma de relato (primário, secundário, isolado), a abordagem do órgão coercitivo e a natureza da notícia.

4.2 FONTES CONSULTADAS

Em sua obra, Charaudeau (2015, p.148) elabora um quadro sistemático para identificação das fontes jornalísticas, afirmando que as fontes podem ser internas às mídias (1. internas ao organismo de informação: correspondentes, enviados especiais, arquivos próprios; e 2. externas ao organismo de informação: agências de informação, outros veículos midiáticos) ou externas às mídias (1. Institucional - oficiais/oficiosas: estado/governo, administrações, organizações sociais - partidos, sindicatos -, políticos – representantes sociais; e 2. Não institucional: testemunhas, especialistas, representantes – corpos profissionais). A partir de tais categorizações, pretendemos observar se o discurso sobre a violência policial na cobertura jornalística realizada pelo portal Ponte Jornalismo se diferencia da cobertura tradicional realizado pela grande mídia, uma vez que conforme Ramos e Paiva (2007), as notícias sobre violência trazem um vício em fontes institucionais oficiais, principalmente do Estado-Governo, representada pelas instituições coercitivas (NOBREGA JUNIOR, 2005)

Atentamos o leitor para as especificidades encontradas na análise da cobertura jornalística do portal Ponte sobre a violência policial. Tais especificidades exigiram que adaptássemos a teoria supracitada para melhor definirmos e categorizarmos as fontes. (ver Tabela 2). No caso das fontes institucionais, categorizamos como fonte *Estado-Governo* não só quando é citado sobre o lado das instituições coercitivas acerca de um determinado acontecimento de violência policial, mas também quando trata-se de laudos oficiais, perícia, inquéritos, e demais relatórios destas instituições cuja atuação compreende na elucidação e investigação do fato. 59 matérias no nosso corpus contém informações oriundas do *Estado/Governo*. Também institucionais temos as Organizações Sociais (Organizações Não Governamentais e institutos) e Administrações (gestora de órgãos).

²¹ A planilha com os dados quantitativos e qualitativos da presente pesquisa está disponível para visualização e comentários no link < <https://goo.gl/66OR6t>>. Acesso em 5 dez. 2016.

Já nas fontes não institucionais, se tornou necessário que incluíssemos dentre as já elencadas por Charaudeau as fontes “vítimas” e “pessoas próximas à vítima”, fontes recorrentes nos textos que compõe o nosso universo de análise. Assim, expomos a nossa adaptação da tabela de identificação das fontes proposta por Charaudeau, que se enquadra na nossa especificidade de análise. A grande presença de fontes Institucionais do Estado/Governo é dada pela pertinência da cobertura jornalística do portal Ponte em obter documentos e dados oriundos das investigações e inquéritos elaborados pelas instituições coercitivas, e assim percebe-se a grande recorrência à fonte oficial. Entretanto, as fontes não institucionais (testemunhas, vítima, pessoas próximas à vítima e especialistas), foram consultadas 87 vezes em 61 matérias, ou seja, estas aparecem 67,82% a mais do que as fontes institucionais nas notícias do nosso corpus.

Tabela 2: A identificação das fontes com adaptações

“Int. Mídias”		“Ext. Mídias”	
“int. org. info” <ul style="list-style-type: none"> • Correspondentes • Enviados especiais • Arquivos próprios 	“ext. org. info” <ul style="list-style-type: none"> • Agências e indústrias de serviço • Outras mídias 	“institucional” (oficiais/oficiosas) <ul style="list-style-type: none"> • Estado-Governo • Administrações • Org. Sociais (partidos, sindicatos) • Políticos (representantes sociais) 	“não institucional” <ul style="list-style-type: none"> • Testemunhas • Vítimas • Pessoas próximas às vítimas • Especialistas • Representantes

Fonte: Charaudeau, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015. (p.148)

4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO E OS TERMOS RECORRENTES

Acredito na importância de utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo para análise do portal Ponte Jornalismo, pois a mesma permite destacar questões relacionadas à gênero, representações de violência, minorias, identidades (SOUSA, 2006, p. 662). É relevante citarmos Laurence Bardin (1979, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009) que afirma que:

[...] ela representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. (BARDIN, 1979, p.42 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 84)

Shoemaker e Reese afirmam que a análise de conteúdo da mídia nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens. (1996, apud LAGO e BENETTI, 2008, p.124, grifo nosso). Também entendemos que essa metodologia é importante para a análise de um grande conjunto de textos.

Com essa metodologia, em um primeiro momento, pretendemos realizar uma “leitura flutuante” das matérias jornalísticas publicadas no portal para posteriormente estabelecer critérios para categorização dos dados obtidos. Atentamos para nosso interesse em focar nossos estudos apenas para as produções noticiosas-jornalísticas do portal, uma vez que no portal Ponte Jornalismo também é veiculado conteúdo de natureza opinativa e de divulgação (de eventos, seminários, e afins). Para tanto acreditamos que ao focar nossos estudos nas notícias veiculadas pelo portal Ponte será possível tensionar e problematizar sobre uma forma ideal de tratar o fenômeno da violência policial na cobertura jornalística, enquanto geradora de discussões e promotora de um agendamento de políticas públicas para a segurança.

Outro ponto importante na definição do nosso percurso metodológico são as fontes elencadas nas matérias publicadas. Estas se tornam um importante ponto de categorização ao utilizar a metodologia de Análise de Conteúdo, uma vez que são aspectos inerentes à nossa intenção de analisar a cobertura jornalística realizada pelo Ponte – as fontes consultadas e mencionadas nas matérias nos possibilitam observar quais vozes são citadas nas notícias, se as mesmas se diferenciam nas vozes presentes na cobertura jornalística da grande mídia sobre a violência (RAMOS e PAIVA, 2007).

Após levantar categorizações a partir de se há ou não polícia na manchete, de qual instituição coercitiva se trata (polícia civil, militar, guarda municipal, ou exército), qual imagem é dada a estas instituições (como por exemplo negligente, opressora, truculenta, dentre outros), e quais fontes são consultadas, pretendemos elencar matérias representativas destas categorias a partir da metodologia de Análise de Discurso. Para isso, pretendemos analisar as três matérias mais lidas de cada mês, elencando os textos que tiveram maior visualização num determinado mês.

4.4 ANÁLISE DE DISCURSO, O ACONTECIMENTO MIDIÁTICO DA VIOLÊNCIA POLICIAL E A SUA RESOLUÇÃO SEMÂNTICA

Com a Análise de Discurso, Charaudeau propõe uma perspectiva analítica e interdisciplinar da construção de sentido da “máquina midiática” (CHARAUDEAU, 2015, p.25), com um quadro de referência teórica que “é um modelo de análise de discurso que se

baseia no funcionamento do ato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2015, p.23). Esse ato de comunicação consiste em uma troca entre duas instâncias: a de produção e a de recepção.

Na ilustração do seu modelo de análise, o autor propõe a estruturação da máquina midiática compreendendo as instâncias de produção e recepção, além do próprio produto midiático (CHARAUDEAU, 2015, p.23). Essa máquina midiática acaba por construir o espaço público e a opinião pública através do contrato midiático e através da construção e transformação do acontecimento. Como são diversas as formas em que o portal trata os acontecimentos de violência, sobretudo a violência policial que é o nosso foco nesta pesquisa, percebemos a necessidade de apresentar definições teóricas sobre acontecimento e as suas dimensões.

[...] o “mundo a descrever” é o lugar onde se encontra o “acontecimento bruto” e o processo de transformação consiste, para a instância midiática, em fazer passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de mundo midiático construído, isto é, de “notícia”; isso ocorre sob a dependência do processo de transformação, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira. (CHARAUDEAU, 2015, p.114)

O acontecimento midiático é construído por este universo da informação midiática (CHARAUDEAU, 2015), fazendo com que a instância midiática imponha ao cidadão “uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo” (CHARAUDEAU, 2015). Charaudeau (2015) afirma que os acontecimentos do mundo ganham sentido apenas quando estruturados num ato de linguagem através da “tematização” (quando o acontecimento vira tema, ou no caso do Jornalismo, pauta). Nesse sentido, o acontecimento é sempre construído, pois

passa pelo trabalho de construção de sentido de um sujeito de enunciação que o constitui em “mundo comentado”, dirigido a um outro do qual postula, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença (CHARAUDEAU, 2015, p.95)

Assim o acontecimento se encontra nesse “mundo a comentar”, e nunca é transmitido em sua plenitude, enquanto acontecimento bruto. O acontecimento depende do olhar ao qual é submetido para ser relatado, tornando-o inteligível e ser passível de uma captura perceptiva e interpretativa.

Para pensarmos acerca da dimensão de um acontecimento, trataremos para o nosso trabalho o conceito de resolução semântica, cuja concepção teórica nos possibilita compreender o aumento da dimensão dos fatos. Fidalgo (2007), em uma compreensão análoga

a da imagem digital – que é composta por vários pixels na sua resolução, e quanto maior a quantidade de pixels, maior a sua resolução e, conseqüentemente, a sua dimensão – afirma que a pluralidade e a diversidade das notícias online sobre um acontecimento aumenta a informação sobre o mesmo, juntamente com a dimensão do acontecimento. Nessa concepção, a dimensão dos acontecimentos podem ser aumentadas, e a esta dimensão é dada o nome de resolução semântica.

Consoante a importância dada ao acontecimento, as notícias aumentam em número e detalhe, dando uma visão mais em pormenor do que se passou. Ao princípio, a informação é dada em traços gerais, consistindo preferencialmente na resposta sumária às perguntas que tradicionalmente enformam um lead: quem, o quê, quando, onde, porquê. Depois vêm as notícias subsequentes completando e pormenorizando a informação. (FIDALGO, 2007)

O complexo de notícias sobre um mesmo acontecimento compõe o universo de informação midiática (CHARAUDEAU, 2015, p.151), tratando-se da construção e estruturação do espaço social através dos discursos produzidos para tentar torná-lo inteligível. Na nossa compreensão, no ambiente digital este espaço social pode ser tomado a partir da perspectiva da resolução semântica. Assim dito, tenho como objetivo analisar as especificidades da cobertura jornalística e da narrativa de notícias que envolvem a temática de violência policial no portal Ponte Jornalismo utilizando a presente proposta de percurso metodológico.

5. PONTE JORNALISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL: TRINCHEIRAS JORNALÍSTICAS DE UMA GUERRA URBANA

Neste capítulo iremos elencar discutir os dados resultantes da nossa análise em diferentes perspectivas: predominância de termos; fontes; as formas em que o acontecimento é relatado e as tipologias do noticiário. Dessa forma pretendemos alçar referências para uma cobertura jornalística ideal do fenômeno da violência policial.

5.1 PREDOMINÂNCIA DE TERMOS: A PM E A MORTE

Ao analisarmos os títulos das 87 matérias que compõem o nosso corpus, podemos perceber a predominância do termo “PM”, que aparece nos títulos de 46 matérias diferentes. Destacamos também o termo “Morte” e “Jovem” (com 13 aparições cada termo); e SP (10). A predominância destes termos nos títulos nos permite observar os destaques dados pelo portal Ponte nas chamadas das suas matérias.

Tabela 3: Predominância de termos nos títulos das notícias que compõem o nosso corpus

Termos nos títulos	Recorrências
PM	45
Morte	13
Jovem	13
SP	10
Diz	10
Polícia	9
Matar	8
Policiais	7
São	7
Contra	7
Morto	6
Pichadores	6
Preso	5
Violência	5
Acusado	5
Bala	4
Vítima	4

Fonte: Elaboração própria do autor

A partir dos dados obtidos nessa perspectiva de análise, elaboramos a seguinte nuvem de tags, nos permitindo fazer um contraste entre os termos a partir da proporção que cada um ocupa do espaço total da ilustração.

Tabela 4: Lista de termos recorrentes no corpo do texto das notícias
 Ordenados a partir do número de recorrências no corpo do texto das notícias (instâncias)

Termos no corpo do texto	Instâncias	Documentos
PM	458	81
Polícia	534	81
Morte	461	70
Policial	401	80
Segurança	230	69
Tiro	217	58
Estado	214	73
Arma	203	56
Crime	187	53
Segurança Pública	163	63
Jovem	154	61
Violência	132	53
Justiça	118	43
Vida	111	54
Vítima	109	47
Preso	106	31
Letal	97	33
Prisão	96	28
Disparo	84	33
Homicídio	70	44
Força	65	32
Direitos	59	33
Delegacia	58	27
Inquérito	56	22
Poder	50	25
Prova	46	27
Testemunhas	46	26
Ferido	41	26
Documentos	40	22
Direitos Humanos	38	26
Assassinato	32	22
Abuso	27	13
Farsa	21	8
Revolta	19	9
Violação	16	8
Contradiz	15	9
Terror	11	7
Insegurança	8	3
Truculência	8	6
Imperícia	2	2

Fontes: Elaboração própria do autor

Com os dados da presente lista, elaboramos uma nuvem de tags a partir da perspectiva da recorrência por instância, ou seja, conforme o número de vezes que determinado termo está presente no texto de todas as matérias do nosso corpus.

Gráfico 2: Nuvem de tags – Recorrência de termos no corpo do texto das notícias



Fonte: Dos autores / Tagul

“PM” e “morte” são os termos mais recorrentes na cobertura jornalística do portal Ponte sobre a violência policial. “PM” está presente em 51,72% dos títulos das matérias e em 98,05% das matérias como um todo. Já “morte”, assim como o termo foi constatada em 14,94% dos títulos e 80,46% das matérias.

Matérias que relatam acontecimentos envolvendo morte trazem com grande frequência relatos de testemunhas e pessoas próximas à vítima, construindo um universo de informação midiática que envolve dor, luto, medo, tristeza e revolta, como podemos ver na matéria “PM mata jovem de 16 anos e cria clima de terror no Grajaú”²². Essa matéria relata a morte de Lucas dos Santos, 16 anos, vítima de um homicídio cometido por policiais na favela do Sucupira, zona sul de São Paulo (SP). Testemunhas relataram que policiais militares

²² Disponível em < <http://ponte.org/pm-mata-jovem-de-14-anos-e-cria-clima-de-terror-no-grajau/>>. Publicada em: 28 mai. 2015. Acesso em 15 nov. 2016.

deram seis tiros contra o jovem, acertando três, e que um dos policiais envolvidos colocou as mãos na cabeça dizendo-se arrependido. Por revolta e indignação, familiares e moradores da região fizeram uma manifestação onde, conforme a reportagem, depredaram cinco ônibus e atearam fogo em lixo para interromper o trânsito. Tal manifestação resultou em confronto com a PM e com a Rota, onde no acontecimento relatado é informado que a postura das instituições coercitivas “(...) provocou terror em quem protestava”.²³

Consideramos válido trazer para esta pesquisa uma visão antropológica da morte e o seu impacto numa comunidade. Assim como a violência enquanto ação cênica premeditada de modo a disseminar pânico, medo, raiva e rancor (WAINBERG, 2010), José Carlos Rodrigues (2006) afirma que a morte de um indivíduo configura uma ruptura violenta, o fim de tantos eventos e relações que o indivíduo morto mantinha em seu tecido social, e por isso o desaparecimento ou a morte de alguém propicia uma hipetensificação das relações sociais.

A morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de ‘si’, ameaça da morte do ‘nós’. Ela mutila uma comunidade, quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da sociedade, ameaça a coesão e a solidariedade de um grupo ferido em sua integridade. A reação da comunidade é um impulso contrário a essas forças desagregadoras. A violência de suas manifestações significa que a comunidade continua a viver. Quanto mais ela chora, quanto maior sua dor, quanto maior a efeverscência pela qual dirige os indivíduos uns em direção as outros, tanto mais intensa a sua presença na almas de seus membros. A comunidade reage com veemência igual à da força que a feriu e os indivíduos nunca se sente tão iguais a ela quanto quanto ela é ameaçada. (RODRIGUES, 2006, p.82)

Os acontecimentos envolvendo mortes acabam por ter outra complexidade quando relatados, envolvendo toda a luta de familiares e amigos e por se integrar à um contexto social de revolta e indignação. A morte de inocente acaba por ser atrelada ao sentimentos de toda uma comunidade, e esse sentimento coletivo tem no Jornalismo de Violência uma forma de cobrança por justiça, explicitada através dos questionamentos que o portal Ponte faz à fontes institucionais, bem como no impacto de determinadas matérias no âmbito jurídico.²⁴

²³ Vide matéria citada, “PM mata jovem de 16 anos e cria clima de terror no Grajaú”. Disponível em <<http://ponte.org/pm-mata-jovem-de-14-anos-e-cria-clima-de-terror-no-grajau/>>. Publicada em: 28 mai. 2015. Acesso em 15 nov. 2016.

²⁴ Em e-mail, Fausto Salvadori afirmou que na matéria “Cicatriz na Dignidade”, publicada em 25 de junho de 2014, é um caso emblemático. “Foi a primeira reportagem que fizemos juntos, ainda antes da estreia do site, e porque conseguimos uma resposta rápida. Logo após a publicação da reportagem, a Justiça recuou e libertou um inocente”, afirma. Disponível em <<http://ponte.org/cicatriz-na-dignidade/>>. Acesso em: 15 nov. 2016

5.2 AS FONTES QUE PAUTAM O JORNALISMO DE VIOLÊNCIA

Conforme o gráfico 1 e 2, percebemos a predominância de referências à PM, e isso pode ser explicado pelo fato da PM, enquanto órgão coercitivo, ser tomada como pauta de determinadas matérias (devido ao abuso de poder, crime, homicídio cometido); e não apenas como fonte. Assim, a referida instituição coercitiva acaba por ocupar um papel ambivalente no noticiário sobre violência policial, sendo quem a pauta e quem pode trazer detalhes acerca de investigações e inquéritos.

Tabela 5: As fontes consultadas

	Fontes	Recorrências	Rel. Prim.	Rel. Sec.	Rel. Isol.
Ext. Mídias	Institucional - Estado/Governo	57	35	13	9
	Institucional – Administrações	1		1	
	Institucional - Org. Sociais	12	4	7	1
	Não Institucional – Testemunhas	30	12	18	
	Não Institucional – Vítima	16	4	12	
	Não Institucional - Pessoas próximas à vítima	33	15	18	
	Não Institucional – Especialistas	9	2	1	6
Int. Mídias	Outras Mídias	2			
	Arquivos Próprios	2			

Fonte: Elaboração própria do autor

A grande presença de fontes Institucionais do Estado/Governo é dada pela pertinência da cobertura jornalística do portal Ponte em obter documentos e dados oriundos das investigações e inquéritos elaborados pelas instituições coercitivas, e assim percebe-se a grande recorrência à fonte oficial. Entretanto, conforme a tabela 5, as fontes não institucionais (testemunhas, vítima, pessoas próximas à vítima e especialistas) foram consultadas 85 vezes, estão presentes em 61 matérias. As fontes não institucionais aparecem 67,82% a mais do que as fontes institucionais nas notícias do nosso corpus. Isso nos permite observar que o Ponte se diferencia da cobertura predominante da grande mídia (RAMOS E PAIVA, 2007).

5.3 FORMAS DE RELATAR O ACONTECIMENTO DE VIOLÊNCIA POLICIAL

A variedade do noticiário sobre a violência policial no portal Ponte Jornalismo em relação à construção do seu discurso pode ser analisada a partir de três grandes formas de relato as quais denominamos: primário, secundário, e relato isolado.

No relato primário, a violência policial é informada em primeiro plano e tem em um determinado acontecimento e em suas fontes uma base para se explicitar como força de

coerção e estratégia de poder de Estado, bem como denotar o despreparo dos policiais e suas mais depreciativas características de atuação, como negligente, violenta, truculenta, homicida, injusta e repressora. Aqui é configurado como a construção de um acontecimento midiático (CHARAUDEAU, 2015), ainda sem inquérito policial ou sequer investigação. O relato primário é correspondente à dimensão de fato relatado proposto por Charaudeau (2015, p.152). Conforme o autor, o fato relatado é objeto de descrição, explicações e reações (dimensão do acontecimento propriamente dito); busca-se construir história a partir de perspectiva intencional. Envolve descrição do espaço da ação, dos atores implicados, do contexto espaço-temporal (o quê, quem, onde e quando?). Na nossa análise constatamos o número de 22 textos enquadrados como relato primário., como por exemplo a matéria “PM do Paraná feriu 4 adolescentes. Eles gritavam ‘sem violência, sem violência’”²⁵, que relata a truculência da polícia do Paraná, causando o ferimento de 4 jovens em uma manifestação do dia 29/04. Trata-se do primeiro relato deste acontecimento.

No relato secundário, a notícia faz referência à um relato primário. A violência policial segue compondo o complexo de informações de um determinado acontecimento, mas este por sua vez não é a principal pauta. Nessas notícias se sobrepõe ao acontecimento os seus desdobramentos, as suas consequências, as análises feitas por especialistas e os relatos de testemunhas e/ou vítimas, que trazem uma nova perspectiva para o mesmo, expandindo sua dimensão. A violência policial em questão é tomada como referência em alguns momentos, mas o que mais se evidencia em notícias que tratam de forma secundária a violência policial é o impacto – nas vidas de vítimas e familiares conforme seus próprios relatos²⁶ –, e/ou a contradição – nas pronúncias dos órgãos coercitivos envolvidos.

Aqui se percebe o aumento da resolução semântica dos acontecimentos (FIDALGO, 2007). Os relatos que se enquadram como secundários se encontram na dimensão de dito relatado (CHARAUDEAU, 2015, p.161), pois relaciona-se ao discurso relatado (dimensão discursiva, do acontecimento enquanto relato). Parte de uma compreensão do espaço público como lugar de debate. Mídias não fazem mero relato, mas fazem uma encenação organizada que torna o confronto de falas o próprio acontecimento. Na nossa análise contabilizamos 52 notícias categorizadas como relato secundário.

²⁵ Disponível em < <http://ponte.org/pm-do-parana-feriu-4-adolescentes-eles-gritavam-sem-violencia/>>. Publicada em 30 abr. 2015. Acesso em 12 nov. 2016.

Os relatos isolados são as notícias que não relatam ou se referem a um acontecimento em específico. Essas notícias se configuram em uma perspectiva mais analítica e interpretativa a partir de dados expostos. Sobressaem-se as fontes especialistas (não institucionais) ou pronunciamentos oficiais de fontes institucionais acerca da conduta da PM, de forma geral. Registramos em nossa análise 13 matérias que não se encaixam na categoria primária ou secundária.

5.4 TIPOLOGIAS DO NOTICIÁRIO SOBRE A VIOLÊNCIA POLICIAL

Para analisar a cobertura jornalística do portal Ponte Jornalismo, foi conveniente que categorizássemos cada matéria conforme a sua natureza, ou seja, sobre o seu contexto e do que se trata cada, devido as características internas do corpus. Nesse sentido, em nossa análise de conteúdo nos textos analisados dividem-se em: *analítico/interpretativo; compilado de casos; divulgação de dados, entrevista com especialistas; informativo/noticioso; instrução aos cidadãos; abuso de poder cometido por policial; homicídio cometido por policial; mobilização de pessoas próximas à vítima; relato de vítima/testemunha e violência em ato*. Cabe lembrar que, em nossa análise, uma mesma notícia pode se enquadrar em naturezas diferentes²⁷.

Analítico-interpretativo: Nestas matérias incluem-se as análises feitas pelos próprios repórteres ou por especialistas consultados, bem como as matérias que trazem dados estatísticos acerca da violência policial e/ou detalhes e meandros das investigações de um determinado acontecimento de violência policial. É o que nos mostra a matéria “7 fatos difíceis de explicar na morte de dois pichadores, onde são elencados pontos cruciais do caso da morte dos pichadores Alex Dalla Vechia Costa e Ailton dos Santos²⁸. Ambos foram mortos por policiais na noite do dia 31 de julho de 2014. Neste caso, a versão oficial admitida pelo poder judiciário é o relato dos policiais, que alegam agir em legítima defesa, e nesta matéria é feito um contraponto entre as versões, verificando os pontos que não se encaixam.

Outra matéria que podemos elencar como representante das de cunho *analítico/interpretativo* é “PMs de São Paulo matam uma pessoa a cada 10 horas”²⁹. Nela são expostos os dados oriundos de um levantamento feito pelo Ponte a partir dos dados do Centro

²⁷ Como por exemplo a matéria “Cicatriz na Dignidade”, publicada em 25 de junho de 2014. Na nossa análise, esta matéria se categoriza como *abuso de poder cometido por policial*, e ao mesmo tempo como *relato de vítima/testemunhas*.

²⁸ Recomenda-se a leitura da matéria “Família diz que pichadores foram executados por PMs”. Disponível em <<http://ponte.org/pm-executou-pichadores-diz-familia/>> Publicada em: 3 ago. 2014. Acesso em: 15 nov. 2016.

²⁹ Disponível em <<http://ponte.org/pms-de-sao-paulo-matam-uma-pessoa-a-cada-10-horas/>>. Publicada em: 10 fev. 2015. Acesso em 15 nov. 2016.

de Inteligência e da Corregedoria da Polícia Militar de São Paulo. As matérias aqui categorizadas como *analítico/interpretativo* compõe o universo de notícias sobre a violência policial, mesmo sem se referir a um acontecimento em específico, propiciando assim a complementação das informações que formam a opinião pública acerca da segurança pública. Nesta categoria, temos um total de 9 matérias (vide tabela da natureza das notícias): 2 relatos primários, 2 relatos secundários e 5 relatos isolados.

Compilado de acontecimentos: São matérias que fazem um agrupamento de vários casos recentes de violência policial. No nosso corpus temos duas matérias que se enquadram nesta categorização. Na matéria “9 casos de tortura ou de tratamento cruel”, publicada em 28 de julho de 2014³⁰. Esta matéria se aportou no relatório da organização Human Rights Watch³¹ para identificar 9 casos emblemáticos de tratamento cruel, desumano ou degradante entre 2010 e 2014 no Brasil.

Essa categoria é importante por apresentar ao público como o fenômeno da violência policial se estabelece no Brasil, propiciando a construção da opinião pública com base nos acontecimentos passado e a sensibilização pela magnitude e crueldade por parte das instituições coercitivas nos casos relatados. Das duas matérias categorizadas como *compilado de casos*, registramos em nossa análise 1 relato secundário e 1 relato isolado.

Divulgação de dados: Trata-se de matérias de cunho informativo e noticioso, que amplificam o universo de informação sobre a violência policial a partir de dados estatísticos. É o que podemos perceber na matéria “Letalidade policial aumenta 206% em SP”³², são expostos dados do Instituto Sou da Paz³³, que registra um aumento de 206,9% no número de pessoas mortas por policiais em serviço na cidade de São Paulo. Já na publicação “PMs já mataram 62% a mais que em 2013”³⁴, os dados são oriundos do Centro de Inteligência e da Corregedoria (órgão fiscalizador) da Polícia Militar de São Paulo, e afirma que de janeiro a junho de 2013 269 pessoas foram mortas por PMs em todo o estado. No mesmo período em 2014, foram 434³⁵ (uma média de 5 mortos a cada 2 dias). Estes dados, assim como as entrevistas com especialistas (categoria exposta logo abaixo) informam de uma maneira mais

³⁰ Disponível em <<http://ponte.org/8-casos-de-tortura-ou-de-tratamento-cruel/>> Acesso em: 15 nov. 2016.

³¹ ONG sem fins lucrativos, reconhecida por investigações aprofundadas sobre violações de direitos humanos, elaboração de relatórios e por ser um importante veiculador de informações e dados no mundo todo. Disponível em <<https://www.hrw.org/pt/sobre-human-rights-watch>>. Acesso em 15 nov. 2016

³² Disponível em <<http://ponte.org/letalidade-policial-aumenta-206-em-sp/>>. Publicado em: 23 jun. 2014. Acesso em 15 nov. 2016.

³³ Disponível em <<http://www.soudapaz.org/o-que-fazemos>>. Acesso em 13 nov. 2016

³⁴ Disponível em <<http://ponte.org/pms-ja-mataram-62-a-mais-que-em-2013/>>. Publicada em 05 ago. 2014. Acesso em: 15 nov. 2016.

³⁵ 317 cometidos por policiais militares em serviço, e 117 por policiais militares em folga.

ampla e chocante acerca do cenário da violência policial no estado de São Paulo. Ao todo obtivemos 6 matérias do nosso corpus que se enquadram como “Divulgação de dados”, sendo 2 relatos primários, 1 relato secundário e 3 relatos isolados.

Entrevista com especialistas: São as matérias que tem como fonte um (ou mais) especialista(s) para falar acerca de um determinado acontecimento ou do cenário da segurança pública como um todo. Publicada no dia 27 de junho de 2014, a entrevista “Lógica de eliminar oponente deve acabar, diz delegado”³⁶ traz a perspectiva do delegado da polícia carioca e estudioso da segurança pública Orlando Zaccone. Na sua pesquisa de doutorado em Ciência Política, pesquisou os autos de resistência (nome técnico para as mortes cometidas por policiais, alegadas como mortes em confronto), e afirma que “A militarização da segurança passa pela construção do inimigo matável” e que a construção do inimigo legitima os autos de resistência. A entrevista traz também a avaliação do delegado sobre as UPPS e sobre o uso do Exército na segurança pública.

Na matéria “Letalidade da PM é escandalosa, diz diretor da Anistia Internacional no BR”³⁷, o especialista consultado (Atila Roque, diretor da Anistia Internacional no Brasil) busca discutir a grande aceitação das mortes cometidas pelos policiais por parte da sociedade. A perspectiva de uma fonte especialista, no caso do Ponte, colabora com a pluralidade de abordagem da cobertura jornalística do portal acerca do fenômeno da violência policial, bem como permitir uma compreensão mais técnica e especializada do cenário da segurança pública em todo o país (sobretudo nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde ocorre a maioria dos acontecimentos relatados pelo portal). No caso da entrevista com o delegado Zaccone, é exposto também a perspectiva científica, uma vez que trata-se de uma tese de doutorado. Verificamos no nosso corpus 7 matérias que se enquadram como *entrevista com especialista*. Destas, uma está atrelada à um relato secundário, e as outras 6 configuram-se como relato isolado.

Instrução aos cidadãos: Aqui temos matérias que instruem os leitores sobre como agir em casos de violência policial. No nosso corpus temos apenas uma matéria que se enquadra nesta categoria, intitulada “Saiba identificar os policiais”³⁸, que orienta os cidadão sobre como

³⁶ Disponível em <<http://ponte.org/a-militarizacao-da-seguranca-publica-passa-pela-construcao-do-inimigo-matavel-afirma-delegado/>>. Publicada em: 27 jun. 2014. Acesso em 15 nov. 2016.

³⁷ Disponível em <<http://ponte.org/letalidade-da-pm-de-sp-e-escandalosa-diz-diretor-da-anistia-internacional-no-brasil/>>. Publicada em 10 ago. 2014. Acesso em 15 nov. 2016

³⁸ Disponível em <<http://ponte.org/saibaidentificarospoliciais/>>. Publicada em 24 jun. 2014. Acesso em: 15 nov. 2016.

proceder acerca da identificação de policiais em caso de abordagem. Quanto à forma de relatar o acontecimento, consideramos este um relato isolado.

Abuso de poder cometido por policial: sendo terceira categoria mais predominante das tipologias elencadas, trata-se de matérias que trazem mais detalhadamente os casos de abuso de poder, como voz de prisão sem flagrante, flagrante forjados por PMs, coerção com uso excessivo e desmedido de força, tortura, dentre outros. A matéria pode relatar um determinado acontecimento (relato primário), ou estar situada a nível investigatório (relato secundário), detalhando os seus desdobramentos, as suas consequências, com análises feitas por especialistas e os relatos de testemunhas e/ou vítimas, aumentando a resolução semântica de um determinado acontecimento. Muitas vezes, em matérias dessa categoria, percebemos é recorrente os casos em que as instituições coercitivas não respondem aos questionamentos dos jornalistas do Ponte.

Na matéria “Libertado motorista acusado no Facebook de matar delegado”³⁹, é relatado à história do motorista Antonio Oliveira, 31 anos, que foi preso injustamente acusado como responsável pela morte de um delegado. Enquanto detido, Oliveira teve uma fotografia sua veiculada em uma página de incitação à violência policial no Facebook, afirmando ser ele o autor do crime. A reportagem do Ponte entrou em contato com a SSP - SP, questionando como foi dada a divulgação da imagem de Oliveira visto que a investigação ainda não tinha confirmado se ele era ou não. A SSP não respondeu as perguntas da equipe nesta reportagem⁴⁰.

No portal Ponte Jornalismo, é perceptível o confronto de informações de fontes institucionais e não institucionais, bem como a obtenção de documentos exclusivos que, na veiculação e na repercussão do acontecimento, dá amparo à vítima⁴¹ como podemos verificar na matéria “ ‘Foi bala da polícia sim’, afirma professora”⁴². Em 15 de maio de 2014, Patrícia Roodsenko, professora de filosofia, foi atingida por uma bala de borracha disparada por um PM. Enquanto esperava pela reabertura da estação de metrô, que estava fechada por conta de uma manifestação contra os impactos da Copa do Mundo em São Paulo, foi surpreendida pela presença truculenta da PM para conter tal manifestação. O disparo acertou a região nasal esquerda de Patrícia, resultando em uma fratura que necessitou intervenção cirúrgica. A SSP-

³⁹ Disponível em: <<http://ponte.org/libertado-motorista-que-teve-foto-divulgada-no-facebook-como-autor-de-morte-de-delegado/>>. Publicada em 17 out. 2014. Acesso em 15 nov. 2016.

⁴⁰ Das 87 matérias que compõe o nosso corpos, 57 consultaram as fontes institucionais Estado/Governo, e 8 não tiveram resposta das instituições coercitivas.

⁴¹ Em entrevista por e-mail, o jornalista e um dos fundadores do Ponte, Fausto Salvadori

⁴² Disponível em <<http://ponte.org/foi-bala-da-policia-sim-afirma-professora-2/>> Publicada em 26.06.2014. Acesso em 15 nov. 2016.

SP afirmou em nota, na época, que a polícia não tinha usado balas de borracha, e que tinha dado total apoio à manifestação. Após a veiculação do caso, e a obtenção de documentos hospitalares que comprovavam que Patrícia sofreu uma Lesão por Arma de Fogo, emitido pelo Hospital de Clínicas de São Paulo, a referida matéria a SSP instaurasse inquérito oficial para investigar os relatos de Patrícia. Dentro da categoria *Abuso de poder cometido por policial*, identificamos 16 ocorrências em nossa análise, sendo 3 relatos primários, 12 relatos secundários e 1 relato isolado.

Na matéria “Documento secreto: PM viola normas de uso para bala de borracha”⁴³, o portal Ponte expõe com exclusividade um documento secreto que normatiza a ação da PM com uso da munição de borracha em manifestações.

Homicídio cometido por policial: Trata-se de matérias que relatam os homicídios (ou tentativas de homicídios) cometidos por policiais, caso extremo de violência policial. As notícias dessa natureza, assim como na categoria *abuso de poder cometido por policial*, trazem novas informações que elucidam os fatos, trazendo uma nova perspectiva que contradiz o órgão coercitivo em questão (predomina a Polícia Militar) e o emerge como culpado. Esta categoria é a mais recorrente do nosso *corpus*, com 10 relatos primários e 29 relatos secundários.

Atentamos para alguns aspectos pertinentes: o órgão coercitivo em questão é tomado como pauta e também como fonte; e existe um efeito emocional presente no relato transcrito de familiares e pessoas próximas à vítima, que acabam por compartilhar suas dores e sensações.

Na matéria “Mãe luta para salvar vida de filho baleado por policiais”⁴⁴ temos um a presença o relato da vítima. Em 31 de agosto dois jovens, Valter (20) e Alexandre (19) foram alvejados por dois PMs que os confundiram com assaltantes e atiraram à queima roupa em um bairro nobre de São Paulo. Alexandre não sobreviveu. No relato, transmitida ao repórter através da mãe de Valter, destacamos o seguinte trecho. A matéria informa sobre a versão dos policiais

Dez minutos depois, Valter ouviu alguém se aproximando. “Vocês ainda estão aqui? Para com isso, me mata logo” pediu. “Por que te matar? Eu sou bombeiro”, ouviu uma voz responder. Abriu os olhos. “Não me deixa morrer, pelo amor de Deus”,

⁴³ Disponível em <<http://ponte.org/pm-bala-de-borracha-documento-secreto/>>. Publicada em 29 out. 2014. Acesso em: 15 nov. 2016.

⁴⁴ Disponível em <<http://ponte.org/mae-luta-para-salvar-vida-de-filho-baleado-por-policiais/>>. Publicada em 4 out. 2014. Acesso em 15 nov. 2016.

pediu ao bombeiro. Alguém tirou um barato, dizendo que Valter não havia pensado em Deus na hora de assaltar. “Eu não assaltei ninguém”, respondeu. E apagou.⁴⁵

Aspecto semelhante é percebido na matéria “Jovem que sonhava ser policial é morto por PM”⁴⁶, onde é relatado o caso de Ruzivel Alencar, 19 anos, morto pelo soldado Getulio Alves no dia 26/12, que alegava pensar que a vítima sacaria uma arma. Podemos inferir que ao tratar de homicídios cometidos por policiais, o portal Ponte traz de igual forma a voz da vítima, testemunha ou pessoas próximas à vítimas (familiares e amigos), tanto quanto a de fontes oficiais. Este soma-se a mais um acontecimento em que a SSP-SP não responde à equipe.

Mobilização de pessoas próximas à vítima: Nesta categoria as matérias envolvem a manifestação de amigos e familiares de vítima de homicídio realizado pela polícia. As manifestações clamam por justiça e são contra a violência policial. Foram registrados apenas um relato primário e dois relatos secundários.

Relato de vítima/testemunha: Aqui temos a perspectiva da(s) vítima(s) ou testemunha(s) de um determinado acontecimento, cujo relato e seus detalhes são essenciais para guiar o impacto das postagens, pois muitas vezes se configuram como conteúdo exclusivo de um inquérito policial. Também estão inclusos aqui amigos e parentes próximos. Registramos em nossa análise um total de 30 recorrências, sendo 7 relatos primários, e 23 secundários.

Violência em ato: aqui se enquadram os textos que noticiam os casos de violência policial em manifestações públicas e em desocupações. Foram 8 as recorrências, sendo 5 relatos primários, 2 relatos secundários e um relato isolado.

Tabela 6: Natureza das notícias

(continua)

Natureza das notícias	Recorrências	Rel. Primário	Rel. Secundário	Rel. Isolado
Homicídio cometido por policial	39	10	29	
Relato de vítima/testemunha	30		23	
Abuso de poder cometido por policial	16	3	12	1
Analítico/interpretativo	9	2	2	5

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Disponível em <<http://ponte.org/jovem-que-sonhava-se-tornar-policial-e-morto-por-pm-em-sp/>>. Publicada em: 29 dez. 2014. Acesso em: 15 nov. 2016

Tabela 6: Natureza das notícias

				(conclusão)
Violência em ato	8	5	2	1
Entrevista com especialista	7		1	6
Divulgação de dados	6	2	1	3
Mobilização de pessoas próximas à vítima	3	1	2	
Compilado de casos	2		1	1
Instrução aos cidadãos	1			1

Fonte: Autores

Os dados obtidos apontam para uma grande recorrência aos acontecimentos envolvendo homicídios cometidos por policiais, e ao mesmo tempo para a pluralidade de abordagens ao construir o universo midiático acerca da violência policial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: À GUIA DE UM JORNALISMO DE VIOLÊNCIA

A violência policial é um fenômeno complexo, e a cobertura jornalística sobre esse fenômeno deve ser amplamente estudada devido aos seus impactos sociais, jurídicos e investigativos. O Portal possui um propósito diferenciado que abrange diversos cenários e contextos atrelado aos cumprimentos dos direitos humanos e justiça. Na análise sobre os termos recorrentes, percebemos a grande recorrência do termo “morte”, (conforme os gráficos 1 e 2), a grande recorrência à fontes oficiais (conforme tabela 4), e a maioria das notícias tratarem a respeito de homicídios cometidos por policiais (conforme tabela 5).

Assim o conflito urbano atrelado à violência policial é relatado: a instituição coercitiva que deveria proteger também mata, e acaba pautando o Ponte Jornalismo. O universo midiático sobre violência construído pelo portal Ponte tem na morte seu objeto mor, tanto no relato primário quanto no relato secundário. Nos deparamos então com um cenário semelhante ao encontrado por correspondentes de guerra, e com a necessidade de noticiar a morte e com a obrigação de atentar-se ao impacto desse noticiário na sociedade.

Na nossa revisão teórica podemos perceber que a cobertura jornalística da grande mídia sobre o fenômeno de violência, possui um desregramento próprio da violência que compõe o seu universo midiático. O próprio ato de não consultar as fontes não institucionais, observado na maioria das matérias da mídia hegemônica, acaba por ser um ato violento, por se desassociar à uma regra essencial do Jornalismo: a de ouvir os dois lados. Neste sentido que tratamos do termo Jornalismo de Violência torna-se necessário: para pensarmos um campo do Jornalismo que se atente à estes fenômenos e as especificidades das pautas. Assim, destacamos a importância do portal Ponte para este cenário de guerra.

Deste modo explicitamos como a violência está implícita no próprio fazer jornalístico que permeia este fenômeno. A proposta do termo Jornalismo de Violência justifica-se pela ausência de termos que nos permitem amparar e situar os estudos que abrangem a violência e o Jornalismo. Não tratamos aqui a violência apenas enquanto pauta e as suas especificades ao promover uma cobertura jornalística, mas também a violência que permeia as práticas jornalísticas já citadas, como a escolha de não ouvir fontes não institucionais (promovendo uma cobertura não plural e descontextualizada, que promovem um universo midiático que não abrange a complexidade do fenômeno), o discurso da violência por ela mesma (perspectiva reducionista da violência).

A presente configuração do termo Jornalismo de Violência ocorre em decorrência de duas observações resultantes das reflexões do nosso estudo. A primeira observação trata do

declínio dos termos “Jornalismo Policial” e a editoria “Polícia”. A crítica que aqui fazemos é que estes termos, pela explícita referência, associam o noticiário sobre violência à polícia, o que foge do que consideramos preceito básico do Jornalismo de Violência: a necessidade que a cobertura jornalística sobre violência e criminalidade tem de se desvincular das fontes policiais para buscar uma abordagem mais plural e contextualizada.

A segunda observação diz respeito à necessidade do Jornalismo de Violência integrar a grade curricular dos cursos de Jornalismo, ambientando os estudantes e futuros profissionais jornalistas acerca da complexidade e dilemas éticos desta área de estudo (NJAINÉ e VIVARTA, 2005, p.74). Nossa hipótese é que explorando essa temática à nível de graduação – não só a violência policial, mas a violência em sua complexidade – muito se reforça na formação crítica dos estudantes, e também aprimoraria a cobertura sobre violência no futuro.

Neste sentido, temos no Jornalismo de Violência do portal Ponte o poder de investigação como inquérito, pois temos no nosso corpus matérias que contradizem a PM e a SSP, bem como análises do processo investigatório de um determinado acontecimento. Sendo assim, ao nosso ver o portal Ponte se enquadra como Jornalismo de Violência, nos mostrando como a construção do universo midiático sobre violência se assemelha à investigação policial.

Defendemos que o âmbito conflituoso que configura o Jornalismo de Violência necessita ser estudado de forma veemente no campo do Jornalismo. Como podemos perceber, processo de apuração e produção do jornalismo atrelado à este fenômeno possui especificidades, como o jornalista ser também a própria testemunha de ações de abuso de poder e de uso desmedido de força. Nas trincheiras jornalísticas desta guerra urbana, o Jornalismo de Violência acaba por construir um universo midiático que, além de relatar determinados acontecimentos, possui significativo impacto em nível judicial e político.

REFERÊNCIAS

- BARABÁSI, A. **Linked: a nova ciência dos networks**. 1.ed. São Paulo: Leopardo. 2009.
- BARREIRA, C., ADORNO, S. A Violência na Sociedade Brasileira. In: MARTINS, C. B. (Coord.). **Horizontes das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: ANPOCS, 2010.
- BENEVIDES, M. V. **Violência, povo e polícia: violência urbana no noticiário de imprensa**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. Tradução Maria Paula V. Zuravski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BORGES, Doriam. **O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo**. Curitiba: Appris, 2011.
- CARVALHO, D.W., FREIRE, M. T., VILAR, G. **Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil**. Rev Panam Salud Publica. 2012;31(5):435–8.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede *In: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORRÊA, E. S. BERTOCCHI, D. **A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria**. Matrizes. Ano 5, n.2, p. 123-144, jan./jun. 2012, São Paulo - Brasil
- DALMASO, S. Post intertextuais: links e intetextos na construção textual dos blogs In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul – RS. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2010.
- DE PAULA, L. M., DALMOLIN, A. R., SILVEIRA, A. C. M. DA, GUIMARÃES, I. P. Proposta Metodológica para Captura de Matérias de Revistas In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15, 2014, Palhoça - SC. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2014.
- DE PAULA, L. M. POZZOBON, T. Pesquisa científica: uma revisão metodológica de pesquisa em jornalismo. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, Ano 9 - Edição 1 – Janeiro-Junho de 2015. 1-10.
- DEUZE, Mark. WITSCHGE, Tamara. Além do Jornalismo. In: **Leituras do Jornalismo**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>> Acesso em 18 nov. 2011.
- DOMINGUES, José Maurício. Sociologia da cultura, memória e criatividade social. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 00, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 novembro. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52581999000200004>.

- FIDALGO, A. A resolução semântica no jornalismo online, In: BARBOSA, S. (Org.) **Jornalismo Digital de terceira geração**. 1.ed. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, 2007. 101-110
- GLEICK, J. **A Informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- GOMES, M. R. **Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. 1.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2013
- MEDEIROS, Magno. **Cultura Midiática, Cultura da violência e Cidadania**. *Comun. Inf.*, v.4, n.1/2, p.33-44, jan/dez. 2001
- MICHAUD, Yves. **A Violência**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- NETO, P. M. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. In: PANDOLFI, D. (Org.). **Cidadania, Justiça e Violência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. P. 129-148.
- NJAINE, K.; VIVARTA, V. Violência na mídia: excessos e avanços. In: _____. **Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil**. Brasília: Unicef, 2005. p.71-95.
- NÓBREGA JÚNIOR, José Maria Pereira da. **As instituições coercitivas e a semidemocracia Brasileira**. 2005. 150p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Ciência Política) – Universidade Federal do Pernambuco, Pernambuco, 2005.
- ODALIA, N. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- OLIVEIRA, D. **Jornalismo Alternativo: um potencial para a radicalização da democracia**. *Signo y Pensamiento*, n.58, v.30, 2011, | 52-63.
- RAMOS, S. PAIVA, A. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2006.
- SAAD, Elizabeth (Org.). **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA - USP, 2012.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 54, n. 1, June 2002 . Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Nov. 2016.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Microfísica da violência, uma questão social mundial**. *Cienc. Cult.* [online]. 2002, vol.54, n.1, pp. 22-24. ISSN 2317-6660.
- SANTOS, J. V. T. As conflitualidades como um problema sociológico contemporâneo. In: **Revista Sociologias - Dossiê "Conflitualidades"**. Porto Alegre, PPG-Sociologia do IFCH - UFRGS, Porto Alegre, ano 1, n. 1, janeiro-junho de 1999, p. 10-13.
- SERBENA, C. A. Imaginário, Ideologia e Representação Social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 4, n. 52, p. 2-13, jan. 2003. ISSN 1984-8951. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

SILVEIRA, A. C. M. **A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados – narrativas securitárias e imunização contra a diferença**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n. 35, v. 1, 2012, 75-92.

SODRÉ, M. **O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia**. São Paulo: Cortez, 1992.

SODRÉ, M. **Sociedade, Mídia e Violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SÓLIO, M. B. **Violência: um discurso que a mídia cala**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SOUSA, J. P. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2.ed. Porto: 2006.

TAVARES, F. M. B. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação**. Covilhã, 2009, n.5. 115-133, 2009. Disponível em <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2016

TENTACULAR, M. **Teatro de Sangue** - Os assustadores espetáculos do Grand Guignol de Paris. Disponível em <<http://mundotentacular.blogspot.com.br/2013/06/teatro-de-sangue-os-assustadores.html>>. Acesso em: 28 jun. 2016. Não paginado.

VAZ, P., RONY, G. Experiência urbana e narrativas de crime. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.11, n.1, jan/abr. 2008.

WAINBERG, J. Mídia e violência: a luta contra a desatenção e a sonolência das massas. In: ALMEIDA, M. G. B.(Org.). **A Violência na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2010. 139-160.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000

ZALUAR, A. Oito temas para debate: violência e segurança pública. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras , n. 38, p. 19-24, maio 2002 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292002000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 nov. 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014

APÊNDICE – Planilha de dados qualitativos

Título	Data	Fontes	Polícia no título	Forma de relato	Abordagem do órgão coercitivo	Qual Polícia se trata?	Natureza
Vídeo indica que rapaz morto pela PM não teria reagido a abordagem	5/30/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas Int. Mídias Ext. à org. info. - Outras mídias	Sim	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial
Letalidade policial aumenta 206% em SP	6/23/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais	Sim	Primária	Letal	Ambas	Divulgação de dados
Investigação contradiz PM	6/24/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Contraditória	Militar	Homicídio cometido por policial
Saiba identificar os policiais	6/24/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Não se aplica	Militar	Instrução aos cidadãos
Cicatriz na dignidade	6/25/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Não	Secundária	Injusta, racista	Militar	Abuso de poder cometido por policial; Relato de vítima/testemunha
Depoimento que Patrícia Rodsenko concedeu à Ponte no mesmo local em que foi atingida	6/25/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítimas	Não	Secundária	Truculenta, violenta	Militar	Relato de vítima/testemunha
PMs de SP mataram 10 mil pessoas em 19 anos	6/25/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Primária	Letal	Militar	Divulgação de dados, analítico/interpretativo
“Foi bala da polícia, sim”, afirma professora	6/26/2014	Ext. Mídias Institucional - Administrações (Hospital de Clínicas de Sp)	Sim	Secundária	Truculenta	Militar	Abuso de poder cometido por policial
Policiais arrastam advogado durante desocupação em SP	6/26/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítima NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima	Sim	Primária	Truculenta	Militar	Violência em ato

Conselho ouvirá advogado detido pela PM	6/27/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítimas	Sim	Secundária	Truculenta, arbitrária	Militar	Abuso de poder cometido por policial
Lógica de eliminar oponente deve acabar, diz delegado	6/27/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Especialistas	Não	Não se aplica	Truculenta, violenta, arbitrária	Militar	Entrevista com especialista
A morte da palhacinha	6/30/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Primária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial,
A guerra silenciosa na Zona Leste de São Paulo	6/30/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Não	Secundária	Repressora	Militar	Divulgação de dados, analítico/interpretativo
"Os jovens policiais estão desesperados"	6/30/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Especialistas	Sim	Não se aplica	Homicida	Militar	Entrevista com especialista
Ativista preso diz que polícia quis "mostrar serviço"	7/1/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítima NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima	Sim	Primária	Injusta	Militar	Relato de vítima/testemunha
Ativista preso diz que polícia "quis mostrar serviço (2ª versão)"	7/2/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Vítima	Sim	Secundária	Opressora; Injusta	Militar	Relato de vítima/testemunha, Abuso de poder cometido por policial
PM mata suspeitos de crime contra soldado de Mogi	7/3/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Vítima	Sim	Secundária	Vingativa, homicida	Civil e Militar	Homicídio cometido por policial,
Advogados pedem que MP investigue PMs por 'tortura'	7/4/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítima	Sim	Secundária	Torturadora, injusta	Militar	Abuso de poder cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Direitos humanos cobram investigação em Presidente Prudente	7/9/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais Institucional - Estado/Governo	Não	Secundária	Homicida	Civil e Militar	Homicídio cometido por policial,

PM assumiu risco de matar atriz, diz ouvidor das polícias	7/9/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Homicida	Civil e Militar	Homicídio cometido por policial,
Disparo contra Luana foi acidental, segundo Polícia Civil	7/9/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Especialistas	Sim	Secundária	Negligente	Civil	Homicídio cometido por policial, Entrevista com especialista,
Dois meninos e uma sentença de morte no Rio de Janeiro	7/10/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Testemunha contradiz PM sobre morte de Luana	7/17/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Homicida	Civil e Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Oficiais de protestos no RJ têm histórico violento	7/17/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Truculenta; fraudulenta	Militar	Abuso de poder cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Ouvidoria critica abuso da PM em manifestações	7/23/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Opressora; Truculenta; violenta;	Militar	Abuso de poder cometido por policial, violência em ato
Polícia Civil vai investigar morte de atriz em Prudente	7/23/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Homicida	Civil e Militar	Abuso de poder cometido por policial
9 casos de tortura ou de tratamento cruel	7/28/2014	Int. Mídias Arquivos próprios	Não	Secundária	Opressora; efetivadora de tortura	Civil e Militar	Compilado de casos
Grupo protesta em São Paulo por morte de atriz	7/29/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha, mobilização de pessoas próximas à vítima
Família diz que pichadores foram executados por PMs	8/3/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima	Sim	Primária	Homicida	Militar	Relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial

"Estamos vivendo um ciclo de violência", diz Fernando Grella	8/5/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Especialistas	Não	Não se aplica	Compromisada em reduzir a violência	Militar	Entrevista com especialista
PMs já mataram 62% a mais que em 2013	8/5/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Letal	Militar	Divulgação de dados, analítico/interpretativo
Número de mortos por PMs no litoral e interiores sobe 45%	8/7/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Letal, homicida	Militar	Divulgação de dados, analítico/interpretativo
Pichação se une em protesto por mortes de Alex e Ailton	8/8/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Secundária	Homicida, injusta, torturadora	Militar	Relato de vítima/testemunha mobilização de pessoas próximas à vítima
Polícia de SP mata sempre nos mesmos lugares, nos mais pobres	8/8/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Homicida, injusta	Militar e Civil	Divulgação de dados, analítico/interpretativo
Letalidade da PM é escandalosa, diz diretor da Anistia Internacional no BR	8/10/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Especialistas	Sim	Não se aplica	Letal, homicida	Militar	Entrevista com especialista
Começa julgamentos de PMs suspeitos de matar vítima de assalto	8/14/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Jurí condena ex-PMs por matar assaltante e vítima em 2004	8/15/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Atuação trágica	Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Justiça cobra laudo de jovem acusado por PM de se matar algemado	8/15/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Faz acusações inconcludentes	Militar	Homicídio cometido por policial
Maternidade condenada	8/15/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítima	Não	Secundária	Negligente, opressor, violento	Militar	Relato de vítima/testemunha
Mulher que deu à luz algemada na prisão dá entrevista pela 1ª vez	8/15/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítima NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima	Não	Secundária	Negligente, opressor, violento	Militar	Relato de vítima/testemunha

Policiais são investigados sob suspeita de torturar motoboy	8/20/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Vítima NãoInstitucional - Pessoas próximas à vítima	Sim	Secundária	Violento, Truculento, opressor	Militar	Abuso de poder cometido por policial Relato de vítima/testemunha
Justiça militar libera PMs acusados de matar pichadores	8/28/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Faz acusações inconcludentes	Militar	Homicídio cometido por policial
7 fatos difíceis de explicar na morte de 2 pichadores	9/1/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Violenta, repressora	Militar	Analítico/interpretativo
Perícia começa a derrubar versão de que jovem algemado se matou	9/30/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Não	Secundária	Faz acusações inconcludentes	Militar	Homicídio cometido por policial
Família diz que guarda foi morto por ser negro	10/1/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Secundária	Assassina, homicida	Militar	Relato de vítima/testemunha
Mãe luta para salvar vida de filho baleado por policiais	10/4/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Assassina, homicida	Militar	Homicídio cometido por policial
Líder comunitária denuncia intimidação policial na Favela do Moinho	10/15/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Repressora, violenta	Militar	Abuso de poder cometido por policial
Libertado motorista acusado no Facebook de matar delegado	10/17/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Vítima	Não	Secundária	Negligente, despreparada, injusta	Militar	Abuso de poder cometido por policial
Documento secreto: PM viola normas de uso para bala de borracha	10/29/2014	Int. Mídias Arquivos próprios Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Não respeita as normas	Militar	analítico/interpretativo, compilado de casos
Corregedoria vai investigar PMs da Rota suspeitos de homicídio e de sumiço de jovens	11/14/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais	Sim	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial

Moradores acusam Rota pela morte de um jovem e sumiço de outro	11/14/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial, Relato de vítima/testemunha
Jovem some após abordagem policial em Salvador (BA). Sumiço já dura 25 dias	11/17/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Homicida	Militar	Homicídios cometido por policial; Relato de vítima/testemunha
Policiais civis humilham grávida em vídeo divulgado no Facebook	11/25/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Especialistas Int. Mídias Outras Mídias	Sim	Primária	Negligente, despreparada, injusta	Civil	Abuso de poder cometido por policial
Jovem que sumiu após morte de PM é encontrado preso	11/25/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Repressora, violenta, injusta	Civil	Abuso de poder cometido por policial
Jovem pede socorro antes de ser alvejado por PMs na zona sul de SP	12/4/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Primária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial
Afastados, PMs que executaram jovem com 10 tiros serão investigados	12/12/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Homicida	Militar	Homicídio cometido por policial
MP-SP só vai investigar PMs que executaram jovem em 2015	12/26/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Assassina, homicida	Militar	Homicídio cometido por policial
O Natal das mães que perderam seus filhos para o Estado	12/18/2014	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunha NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Secundária		Militar	Relato de vítima/testemunha
Jovem que sonhava ser policial é morto por PM	12/29/2014	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Primária		Civil e Militar	Homicídio cometido por policial; analítico/interpretativo

			NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima				
Polícia reprime com bala de borracha manifestação contra morte de jovem por um PM	1/5/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Militar	violência em ato; Mobilização de pessoas próximas à vítima	
Detenção e humilhação depois do 1º Grande Ato contra o Aumento das Tarifas"	1/10/2015	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Primária	Militar e Civil	violência em ato	
PM reprime ato do Passe Livre com violência	1/10/2015	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítima	Sim	Primária	Militar	violência em ato	
PM de SP bate recorde de mortes e não reduz crimes	1/12/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Especialistas	Sim	Não se aplica	Militar	Entrevista com especialista,	
PM de SP será investigada por tortura contra manifestantes	1/17/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Militar	violência em ato, Abuso de poder cometido por policial	
PM ataca manifestantes e mente nas redes sociais	1/18/2014	Ext. Mídias Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Primária	Militar	violência em ato	
Ainda não sei se vou voltar a enxergar', diz nova vítima de bala de borracha	1/21/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítima	Não	Secundária	Militar	violência em ato, Abuso de poder cometido por policial, relato de vítima/testemunha	
A farsa da PM de SP no Réveillon de 2015	1/22/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Militar	Homicídio cometido por policial	

Veja imagens da reconstituição da execução cometida por PMs contra pedreiro	1/25/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
PMs que executaram jovem com 10 tiros não devem voltar à corporação	2/1/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
Documentos apontam que pichadores foram executados por PMs	2/4/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
Testemunha diz que vítimas da chacina do Cabula (BA) estavam rendidas	2/7/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Militar	Relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
Mais três morrem em ações da PM em Salvador. São 15 mortos desde a 6a Feira	2/8/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Militar	Relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
PMs de São Paulo matam uma pessoa a cada 10 horas	2/10/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Não se aplica	Militar	Analítico/interpretativo
Policiais acusados de montar farsa para executar pedreiro são soltos	2/10/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
Comunidade protesta contra chacina no Cabula. PM intimida	2/12/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Militar	Relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
Sargento da PM que confessou farsa para executar pedreiro é preso	2/12/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial

PMs matam pai de família com 3 tiros na zona sul de SP	3/5/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Militar	Homicídio cometido por policial
Justiça manda prender 5 PMs por Farsa que resultou na morte dos pichadores	4/25/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
"Baltimore é aqui" vira grito de guerra na Cracolândia	4/30/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Não	Primária	Militar , Guarda Civil Municipal	relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
PM do Paraná feriu 4 adolescentes. Eles gritavam "sem violência, sem violência".	4/30/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo Institucional - Org. Sociais NãoInstitucional - Especialistas NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima NãoInstitucional - Vítima	Sim	Primária	Militar	Abuso de poder cometido por policial, relato de vítima/testemunha
"A guerra às drogas legitima a violência policial"	5/1/2015	Ext. Mídias NãoInstitucional - Especialistas	Sim	Não se aplica	Militar	Entrevista com especialista
Polícia quer reconstituir execução de PMs contra jovem, mas caso emperra	2/12/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial

Após 19 dias presos, 5 PMs acusados de matar 2 pichadores são soltos	5/13/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas	Sim	Secundária	Militar	Homicídio cometido por policial
PM mata jovem de 16 anos e cria clima de terror no Grajaú	5/28/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Primária	Millitar	relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
PMs demoram 5 horas para informar sobre morte de adolescente	5/28/2015	Ext. Mídias Institucional - Estado/Governo NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Millitar	relato de vítima/testemunha, Homicídio cometido por policial
"Se você não sair agora, vou dar um tiro bem na sua barriga, matar você e seu filho"	5/30/2015	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítima	Não	Secundária	Militar	relato de vítima/testemunha
Testemunhas dizem que Lucas estava algemado e que pediu a PMs para não ser morto	5/30/2015	Ext. Mídias NãoInstitucional - Testemunhas NãoInstitucional - Vítima NãoInstitucional - Pessoas próximas à Vítima	Sim	Secundária	Militar	relato de vítima/testemunha